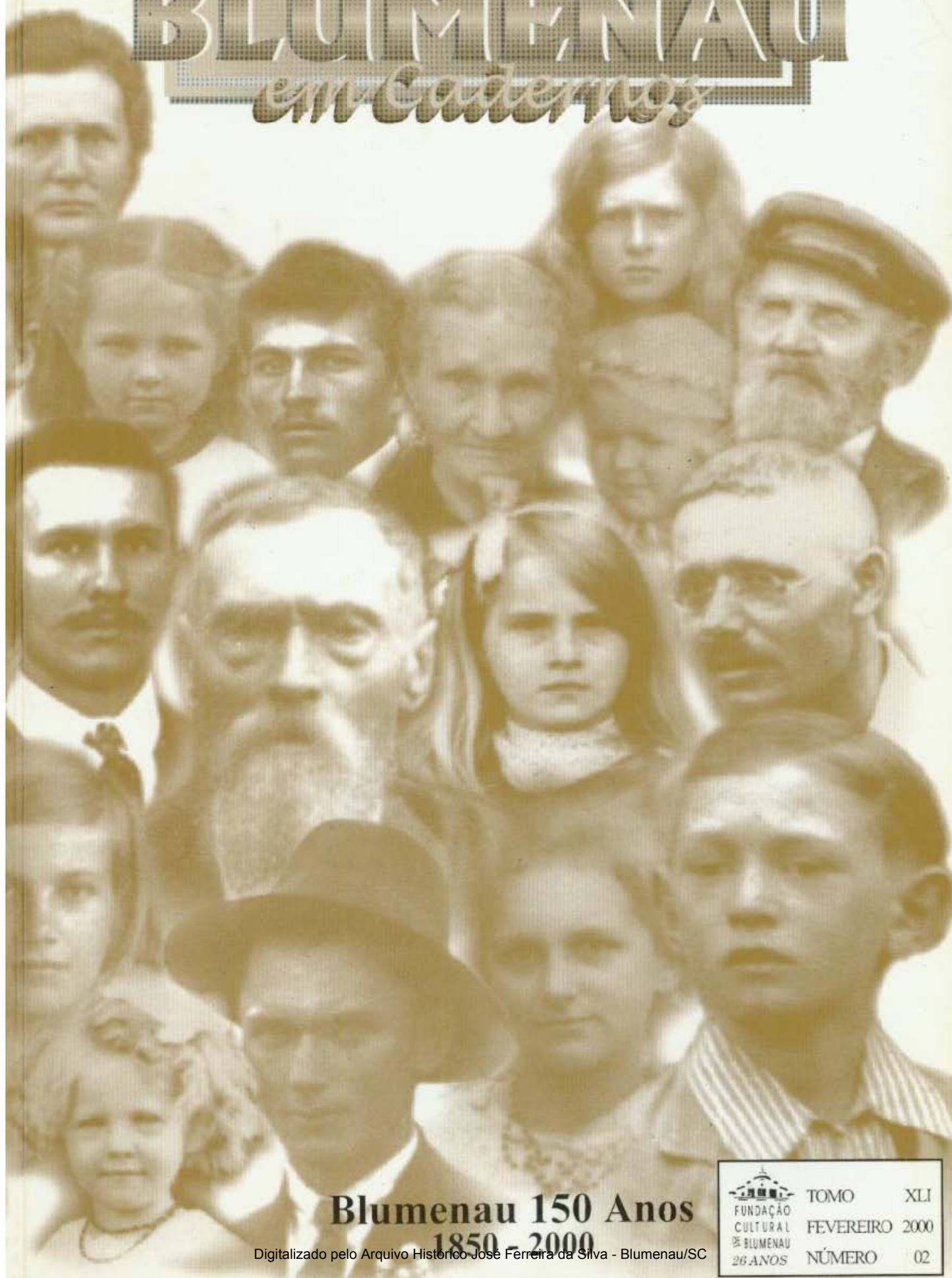


ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos



Blumenau 150 Anos
1850 - 2000

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

 FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU 26 ANOS	TOMO	XLI
	FEVEREIRO	2000
	NÚMERO	02

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura

Vilson do Nascimento



Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



**Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**

COPYRIGHT © 2000 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”

ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (047) 326-6990

E-Mail: funculbl@zaz.com.br

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

Rostos de imigrantes e descendentes, em sua maioria não-identificados,
reproduzidos de negativos em vidro, encontrados num sótão
de uma antiga residência de Blumenau

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIGITAÇÃO

Ellen Annuseck

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (**Diretor Executivo**)

SUMÁRIO

Nossa Capa	07
Carta da Bahia enviada ao Urwaldsbote de Blumenau <i>Dr. Egas Moniz Baretto de Aragão</i>	09
Disposições Coincidentes do Destino <i>José Deeke</i>	16
Coronel Pedro Christiano Feddersen <i>Celso Liberato</i>	31
Combate ao Gafanhoto em Santa Catarina	35
Lista de moradores da Colônia Blumenau - 1869 (Parte 2) <i>Dr. Hermann Blumenau</i>	37
Histórico do Curso de Medicina da FURB <i>Lourival Hari Hübner Saade / Walmor Erwin Belz</i>	52
Pinheirais e Marinhas / Só Agora? / O Velho Hem <i>Enéas Athanázio</i>	66

Nossa Capa

Família Hemmer



No ano de 1999, nos meses de agosto e setembro, a revista “Blumenau em Cadernos” publicou na capa fotografias de imigrantes não-identificados, visando divulgar o acervo fotográfico do Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”.

Além disso, procuramos fazer a identificação do acervo, com o intuito de resgatar a memória dos nossos colonizadores e buscar temas que evoquem espaços e personagens da nossa história.

Agradecemos a **Sra. Elisabeth Hofmann**, que identificou 3 pessoas da família Hemmer, localizadas na capa da seguinte maneira:

Contra-capa:

- 1) primeira coluna da esquerda, na segunda fileira – Sr. Arnold Hemmer;
- 2) segunda coluna da esquerda, na terceira fileira – Ester Hemmer;
- 3) terceira coluna da esquerda, na terceira fileira – Anna Hemmer Socher.

O Sr. Arnold Hemmer era irmão de Heinrich Hemmer, fundador da Companhia Hemmer, indústria alimentícia estabelecida na região de Blumenau desde 1915. A empresa começou através do cultivo de produtos agrícolas *in natura*, que paulatinamente passaram a ser oferecidos em conserva.

O Sr. Arnold Hemmer também fixou sua residência na região de Badenfurt, na rua que recebeu o seu nome como forma de homenageá-lo.



Família Hemmer - 1924

A fotografia original apresentada acima foi revelada a partir de um negativo em vidro e identificada por completo pela Sra. Elisabeth Hofmann, conforme a seqüência a seguir:

1ª. Fila (esq. para direita):

Arwert Grautner;

Anna Hemmer Socher (*03/02/1903 +30/11/1973);

Arnold Hemmer Filho (*14/12/1895 +11/02/1973);

Paula Hemmer Jasper (*19/04/1904 +14/07/1985);

Hilda Knoch, nascida Geiser (*26/01/1899 +29/6/1983);

Walter Hemmer (*01/03/1908 +17/07/1975);

2ª. Fila (esq. para direita):

Herta Hemmer (*14/03/1910 +23/03/1928);

Marie Elisabeth Hemmer, nascida Geiser (**Mãe**) (*04/04/1875
+03/02/1939)

Arnold Hemmer (**pai**) (*10/04/1864 +13/04/1930)

Siegfried Hemmer (*23/11/1912 +25/08/1930)

Documentos Originais - Artigos

Carta da Bahia enviada ao Urwaldsbote de Blumenau

TEXTO:

**DR. EGAS
MONIZ BARETTO
DE ARAGÃO**



A temática da seção “documentos originais” deste mês traz ao leitor da revista “Blumenau em cadernos” uma carta escrita pelo Dr. Egas Moniz B. de Aragão, médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia e do Ginásio Estadual.

O escritor, um ardoroso defensor da cultura germânica e fundador do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, era considerado jornalista combativo e incentivador do *Volksverein*, Associação Popular de cunho político e ideológico, surgida em Blumenau, no ano de 1901.

Emitiu este texto ao redator do jornal “Der Urwaldsbote”, em setembro de 1913, o qual escreveu em língua portuguesa e a redação do jornal, devido ao conteúdo, resolveu editar um opúsculo bilíngüe, traduzindo para a língua alemã, com o intuito de distribuir entre a população e às pessoas interessadas no assunto.

O autor afirmava ser um assíduo leitor do referido jornal e teceu elogios aos artigos contrários que o mesmo vinha publicando em torno das questões levantadas pelos nacionalistas que, segundo ele, eram extremados e demagogos.

Este artigo é oportuno para mostrar ao leitor o contexto do período que antecedeu a deflagração da Primeira Guerra Mundial, quando lentamente começou a se desenvolver um processo de nacionalização nas áreas de imigração européia.

Brief aus Bahia gerichtet an den Urwaldsboten in Blumenau

Werter Freund und Kollege!

Als eifriger Leser Ihres Blattes habe ich mit großem Interesse die aufreizende und lächerliche Deutschenhetze verfolgt, die immer aufs neue von den Vorkämpfern des brasilianischen Jakobinismus entfacht wird. Diese Leute ersetzen die Vernunft, die ihnen abgeht, durch den Flitterkram französischer Rhetorik, wie sie vor 100 Jahren im Schwange war. Renan hatte ganz Recht, als er in Anlehnung an einen Ausspruch des alten Salomo sagte, daß die menschliche Dummheit uns den Begriff der Unendlichkeit verdeutlicht.

In meiner doppelten Eigenschaft als Germanist und Brasilianer, der Ihr altes Vaterland hochschätzt, ohne dazu irgend welche Erlaubnis eingeholt zu haben, kann ich nicht umhin, die Schriftleitung des Urwaldsboten zu den jüngst veröffentlichten vortrefflichen Artikeln gegen die unwissende Horde der Untermenschen der nationalen Kultur zu beglückwünschen, die den roten Lappen einer überlebten Pöbelherrschaft *à la Robespierre* und Babeuf schwingen, nur darauf bedacht, sich fette Einnahmen und hohe Aemter zu verschaffen, um dann das arme Volk, diesen Sündenbock für die Dummheiten aller gewesenen und zukünftigen Demagogen, nach ihrem Gutdünken tyrannisieren zu können. Die Deutschenfurcht ist das gefährliche Ferment, durch welches diese Heuchler die Masse der Unwissenden und Sansculotten in Gärung zu versetzen suchen.

Auf dem dritten Brasilianischen Kongreß für Unterrichtswesen, der Anfang Juli d. J. in Bahia abgehalten wurde, hatte ich Gelegenheit eine Denkschrift mit dem Titel "Die deutsche Sprache als unerläßliches Element der Allgemeinbildung" vorzulegen. Diese sorgfältige ausgearbeitete Denkschrift fand den einstimmigen Beifall der dritten Kommission und das Lob des Berichterstatters Dr. J. Gustavo dos Santos. Die genannte Kommission setzte sich zusammen aus Professoren der medizinischen Fakultät und hervorragenden Aerzten, die meine Schlußfolgerungen zu würdigen verstanden.

Aber in einer Vollsitzung des Kongresses wurden diese Schlußfolgerungen verworfen. Und weshalb?

Weil ich die Notwendigkeit betont hatte, die deutsche Sprache in allen brasilianischen Gymnasien und Kollegs zum Pflichtfach zu machen als unerläßliches Element der Allgemeinbildung. Die einfältigen Wortführer des Jakobinismus meinten, daß diese Empfehlung der deutschen Sprache unpatriotisch sei!

Es erhob sich ein Sturm von Protesten und Deklamationen, die gar nichts mit meiner These zu tun hatten. Ein Herr erklärte, daß man durchaus keine fremde Wissenschaft und Litteratur brauche; ihm genüge, was Brasilien auf diesen Gebieten hervorgebracht habe (wörtlich!).

Carta da Bahia enviada ao Urwaldsbote de Blumenau

Ex.mo Sr. Redator do Urwaldsbote,
Prezado Amigo e Colega, Cordiais Saudações!

Assíduo leitor do nosso valente periódico, tenho acompanhado com grande interesse a irritante e sempre ridícula questão da germanofobia, de novo assanhada pelos arautos do jacobinismo indígena, os quais, por completa falência de razão, a substituem com os ouropéis da retórica francesa, de cem anos atrás. Bem avisado andou Renan quando afirmou que “a estupidez humana nos dá perfeitamente a idéia do infinito”, parafraseando assim a sentença do velho Salomão.

Na minha dupla qualidade de germanista convicto e de brasileiro, amigo da sua pátria sem licença de ninguém, não posso deixar de felicitar a ilustre redação do “Urwaldsbote” pelos excelentes artigos ultimamente publicados contra a horda ignara dos *Untermenschen* (corja) da Cultura Nacional que, agitando os farrapos vermelhos da oclocracia anacrônica, à la mode de Robespierre e Babeuf, pretendem pescar, nas águas turvas das ressacas do populacho, os maiores proveitos pecuniários, e galgar, ao mesmo tempo, as cúspides das prestigiosas posições político-sociais, para tyrannizar a seu bel prazer o pobre povo, bode expiatório das loucuras de todos os demagogos havidos e por haver. Por aqui o perigoso fermento da germanofobia também tenta levantar a massa dos apedeutas e *sans-culottes*, embora mais hipocritamente.

Por ocasião do Terceiro Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária, nesta cidade celebrado em princípio de Julho do corrente ano, tive ensejo de apresentar uma memória intitulada: “A língua alemã como elemento indispensável à cultura geral”. Esta memória, conscienciosamente documentada, mereceu a aprovação unânime da Terceira Comissão e os mais francos elogios do relator, Dr. J. Gustavo dos Santos. Cumpre notar que a supracitada comissão era constituída de professores da Faculdade de Medicina e egrégios médicos, os quais souberam dar o devido valor às minhas conclusões.

Ora, numa das reuniões plenárias do Congresso, estas conclusões foram rejeitadas. E por quê?

Porque eu assinalava a necessidade de ser a língua alemã obrigatória em todos os ginásios e colégios brasileiros como elemento indispensável à cultura geral. Os bisonhos representantes do jacobismo entenderam que tal lembrança era anti-patriótica!...

Foi uma tempestade de projetos e declamações que nada tinham que ver com a minha tese. Houve um certo senhor que declarou não precisar absolutamente de ciências e letras estrangeiras, porquanto o que o Brasil possuía na espécie lhe bastava. (Textual)

Ein anderer schrie, daß nur die brasilianische Sprache in den Schulen Pflichtfach sein dürfe. Ich weiß nicht, was man unter der brasilianischen Sprache verstehen soll, wenn nicht die Tupy-Sprache. Es lag mir auf der Zunge, dem ungestümen Redner zu antworten, daß die wahre Landessprache in diesem Falle ein Gemisch von Portugiesisch, Tupy und Afrikanisch sein würde. Da die Mehrheit der heute lebenden Brasilianer das Ergebnis einer Mischung von Lusitaniern, Negern und Kaboklern ist, so müßte folgerichtig die Landessprache Brasiliens ein aus den Sprachen dieser drei Elemente hervorgegangenes Patois sein. Aber ich hielt es für besser, diese Bemerkung zu unterdrücken.

Inmitten des Aufruhrs, der etwa zwei Stunden tobte, ertönte plötzlich eine Stimme, die folgenden Skandal zur Kenntnis brachte: "Im Süden des Landes wird die deutsche Sprache zum Schaden der Landessprache gelehrt, sodaß diese fast von niemand mehr gesprochen wird."

Ein Schauer durchrieselte die Anwesenden, und während ein anderer Apostel des Jakobinismus auf die "verbrecherischen Pläne des Kaisers" hinwies, der ganz Brasilien erobern wolle, um in Südamerika ein neues deutsches Reich zu errichten, sah man durch den Saal das Gespenst des Schwarzen Adlers schweben mit ausgebreiteten Schwingen und vorgestreckten Krallen, um alles zu packen, was in sein Bereich käme.

Lächelnd verließ ich die Versammlung, in der es zum Glück einigen aufgeklärten Kollegen gelang, die erhitzten Gemüter zu beschwichtigen. Ich nenne hier Dr. Oscar Freire, Professor der medizinischen Fakultät, Dr. Adeodato de Souza, ebenfalls, Aristides Maltez, Arzt und Assistent derselben Fakultät, Paranhos da Silva, Sekretär des Oberschulrats des Staates Rio de Janeiro und Abgeordneter dieses Staates auf dem Kongreß, und den Obertribunalsrat Dr. Assiz, der längere Zeit Rechtsrichter in Paraná war. Einstimmig wurde dann eine Entschließung angenommen, die besagt, daß das Studium der deutschen Sprache neben der französischen, englischen und italienischen zu empfehlen sei, aber als Wahlfach.

Am interessantesten war es, daß während der Diskussion auch viel von der lateinischen Rasse gesprochen wurde, als ob die Brasilianer dieser Rasse angehörten. Man verwechselt wieder einmal die Begriffe Rasse und Kultur. Diese Herren sind weder in der Weltgeschichte bewandert, noch kennen sie die Bedeutung des Wortes Rasse, auch übersehen sie den Einfluß der Rassenmischung, für die Brasilien immer ein günstiger Boden gewesen ist.

Der brasilianische Jakobiner hat nur die alten Waffen aus der Rüstkammer des vorigen Jahrhunderts wieder hervorgesucht, und seine durchaus faule und längst verurteilte Sache mit einem neuen Phrasenschwall gewürzt, der großen Menge geboten als das letzte Wort aller Wissenschaft und die wahre Panacee für alle Schäden der Menschheit.

Deshalb ist es die patriotische Pflicht aller Brasilianer, gegen diese Leute energisch Front zu machen und der Oeffentlichkeit zu beweisen, daß die von ihnen mit so viel umständlicher Beredsamkeit und groben Trugschlüssen verfochtenen

Outro berrou que só a língua brasileira devia ser obrigatória. Não sei o que seja língua brasileira, a não ser o tupi. Tive ímpetos de lembrar ao fogoso orador que a verdadeira língua nacional seria, neste caso, uma mixórdia de português, tupy e africano. Sendo a maioria dos atuais brasileiros o produto da fusão do lusitano, do negro e do caboclo, claro está que, logicamente, a língua nacional dos brasileiros deve ser representada por um patoá oriundo diretamente das línguas faladas por esses três povos. Mas achei de bom aviso silenciar.

Em meio da borrasca que durou cerca de 2 horas detonou de repente uma voz que vinha noticiar o seguinte escândalo: “No sul do país andam ensinando a língua alemã em detrimento da língua pátria, de modo que ali ninguém mais a fala.”

Naturalmente correu um calafrio de pavor pela espinha dorsal dos assistentes e, quando outro apóstolo do jacobinismo se referiu às “criminosas pretensões do Kaiser, procurando conquistar todo o território brasileiro para a fundação de um novo Império alemão na América do Sul” viu-se claramente visto passar na atmosfera da sala o espectro da águia negra, de asas arrepiadas pelo vento das balas e de garras abertas, em via de arrebatá-lo tudo que estivesse ao seu alcance.

Esboçando um sorriso retirei-me da assembléia, onde felizmente alguns colegas mais alumiados, dentre eles o Dr. Oscar Freire (professor da Faculdade de Medicina), Adeodato de Souza (idem), Aristides Maltez (médico e assistente da mesma Faculdade), Paranhos da Silva (secretário do Conselho Superior do Ensino do Rio de Janeiro e delegado do Estado do Rio no Congresso) e desembargador Assiz (Juiz de Direito durante muitos anos no Paraná), conseguiram acalmar os ânimos. Afinal, foi unanimemente aprovado que a língua alemã é recomendável e deve ser estudada ao lado do francês, inglês e italiano, porém facultativamente.

O mais interessante foi que, durante as discussões, falou-se extraordinariamente em raça latina, como se os brasileiros pertencessem a tal raça. Não conhecem os princípios da História Universal e a significação do vocábulo raça, nem tampouco percebem a influência da miscigenação que, no Brasil, sempre encontrou o terreno mais apropriado ao seu desenvolvimento integral.

O jacobino brasileiro apenas foi buscar no arsenal, as armas obsoletas do século passado e recheou a causa ultrapassada com um novo palavreado para levá-la ao povo e oferecê-la como se fosse a última novidade de todas as ciências, verdadeira panacéia para todos os males da humanidade.

Pelo que é dever patriótico de todos os brasileiros, atacar de rijo semelhante gente demonstrando ao público que não passam de tolices enroupadas mais ou menos decentemente, quando não se exibem cinicamente nuas, as idéias pela mesma perfiladas e defendidas à custa de muita eloquência, piegas, e de muito sofisma grosseiro.

Avante! Meus distintos colegas. O *Urwaldsbote* é um órgão da imprensa brasileira, cabendo-lhe portanto o direito de pugnar, como o tem feito com tanto

Ideen nichts als Dummheiten sind, die bisweilen schamhaft verhüllt, bisweilen in zynischer Nacktheit auftreten. –

Vorwärts! Verehrte Kollegen. Der Urwaldsbote ist ein Organ der brasilianischen Presse; er hat also das Recht, wie er es bisher mit soviel Schneid und Urteilsfähigkeit getan hat, für die Größe und den Ruhm Brasiliens zu kämpfen, welches nicht dulden darf, daß im freien Amerika zwischen seinen Söhnen Abgründe des Hasses sich auftun und chinesische Mauern sich erheben aus dem alleinigen Grunde, daß die einen von Portugiesen, die anderen von Deutschen, diese von Negern und jene von Bugern abstammen. Alle sind sie Brasilianer unter dem geheiligten Palladium der Verfassung. Ob ihre Väter früher oder später ins Land gekommen sind, tut nichts zur Sache.

Wer könnte leugnen, daß Fremde wie Humboldt, Martius, Spix, Agassiz, Liai, Couty, Saint-Hilaire, Tautphoeus, Fritz Müller, Planitz, Koseritz, Goeldi, Ihering, Huber und viele andere weit mehr zum Ruhme der brasilianischen Nation beigetragen haben als gewisse Deputierte, Senatoren, Governadore und Caudillos unserer Politik, die nur krankhafte Auswüchse unseres politisch-sozialen Organismus sind und uns vor der öffentlichen Meinung des Inlandes und Auslandes herabsetzen.

Der Fremdenhaß, wie ihn unsere Jakobiner predigen, ist eine der verderblichsten Erscheinungen des Fanatismus, und der Fanatismus ist, nach einem Worte von Donoso Cortes, "die Hauptwurzel der Tyrannei, weil er in der Philosophie die Ideen, in der Geschichte die Tatsachen und in der Politik die Menschen unterdrückt." Das Hauptbollwerk des Fanatismus aber ist die Unwissenheit. Deshalb muß er bis zur Vernichtung bekämpft werden im Namen der sozialen Hygiene.

Eine unwissende Demokratie ist keine Demokratie, sondern eine Pöbelherrschaft.

Gepriesen seien diejenigen, die, wie Sie, das Licht der Wahrheit verbreiten und das Volk aufklären! Freilich treiben Sie Ihren Freimut bisweilen zur Schroffheit; doch ist zu bedenken, daß die Verfechtung der Wahrheit immer große Energie erfordert. Es giebt Blinde und Taube, denen man Augen und Ohren mit Gewalt öffnen muß, damit sie sehen und hören.

Fahren Sie also fort in Ihrem Kampfe zum Besten des brasilianischen Vaterlandes. Ich bürge Ihnen dafür, daß Sie den Beifall aller wahren Vaterlandsfreunde finden.

Mit den besten Wünschen verbleibe ich, wie immer, Ihr alter Freund, Kollege und aufrichtiger Bewunderer.

Dr. Egas Moniz B. de Aragão
Professor der medizinischen Fakultät
und des staatlichen Gymnasiums in Bahia

brilho e critério até hoje, pela grandeza e brios do Brasil, o qual não pode tolerar que na livre terra americana se cavem abismos de ódio e se levantem muralhas chinesas entre os seus filhos, pelo simples fato de descenderem uns de portugueses, outros de alemães, estes de negros africanos, aqueles de bugres. Todos são brasileiros, sob o pálio sagrado da Constituição. A questão de terem os pais ou os avós chegado mais cedo ou mais tarde a estas plagas, não vem ao caso.

Quem ousará negar que estrangeiros da ordem de Humboldt, Martius, Spix, Agassiz, Liais, Couty, Saint-Hilaire, Tautphoeus, Fritz Müller, Planitz, Koseritz, Goeldi, Ihering, Huber, e tantos outros, têm contribuído muito mais para a glória da Nação Brasileira do que certos deputados, senadores, governadores e caudilhos da nossa politicagem que representam apenas elementos patogenos a parasitar o nosso organismo político-social, desmoralizando-nos em face da opinião nacional e estrangeira.

A xenofobia, como a entendem os nossos jacobinos, representa uma das modalidades mais perniciosas do fanatismo, e o fanatismo, na frase de Donoso Cortes, é a raiz-mestra da tirania, porquanto, “em filosofia suprime as idéias, em Historia Universal suprime os fatos, em política suprime os homens.” Ora, a ignorância, é de fato, o alicerce do fanatismo. Cumpre-nos por conseguinte dar-lhe combate, sem tréguas, acuá-la, sem piedade, vencê-la para sempre, em nome da higiene social.

Uma democracia ignorante não é democracia, é oclocracia.

Benditos sejam aqueles que, como vós, derramam a gloriosa luz da verdade, orientando o espírito público. Quanto à franqueza, às vezes rude, dos vossos conceitos, devo lembrar que a propaganda da verdade exige quase sempre grande energia. Há cegos que, para verem necessitam que se lhes abram os olhos a pulso, surdos que, para ouvirem, se lhes faça o mesmo aos ouvidos.

Continuai, portanto, na vossa nobre campanha, em prol do progresso da Pátria Brasileira. Garanto-vos que tereis os aplausos de todos os verdadeiros patriotas.

Felicitando-vos, ainda uma vez, aqui fico como sempre vosso velho amigo, colega e admirador sincero

Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão,
Professor da Faculdade da Medicina da Bahia
e do Ginásio Estadual

Histórias ao Redor da Fogueira do Acampamento

Disposições Coincidentes do Destino

TEXTO:

JOSÉ
DEEKE*



Na sequência das publicações dos excertos extraídos da obra inédita, escrita em língua alemã, "Am Lagerfeuer" (Ao redor da Fogueira do Acampamento) de autoria do historiógrafo José Deeke, apresentamos a tradução do último capítulo no qual o autor, após intercalar o breve relato intitulado "No Rio dos Monos", dá continuidade ao enredo do conto "O Fantasma da Barra Morta", revigorando a historieta para conferir ao episódio um desfecho de "final feliz".

No seu escrito denominado "SCHICKSALSFÜGUNGEN" – ora traduzido como "DISPOSIÇÕES COINCIDENTES DO DESTINO", José Deeke consigna interessantes informações históricas, como a edificação do primeiro abrigo para imigrantes levada a efeito em 1902, pela Cia. Colonizadora Hanseática, na região então referida como Nova Bremen, mas que na verdade então alcançava o sítio da península configurada pelo meandro que o curso do rio Hercílio forma no território do atual município de Presidente Getúlio.

Ao longo do texto o autor, metamorfoseando as circunstâncias e criptografando patronímicos discorre, em toda a extensa obra, acerca de fatos verídicos, razão pela qual poderá, também, servir de virtual subsídio ao estudo pragmático relativo à história da evolução regional. No presente capítulo encontram-se registradas, entre outras, informações curiosas como a existência, já naquela pregressa época, de uma *sociedade de canto* exibindo-se num distante rincão, coberto de floresta, como era então Ibirama. E o autor teceu elogios ao desempenho do conjunto, ordenando por sua conta, a distribuição de bebidas.

Entretanto uma notícia que se destaca é a do seu primeiro encontro com erudito pastor dr. Paul Philipp Aldinger, criptografado como Dr. Weltmann e as impressões que este lhe causou. Aldinger e Deeke mantiveram estreitas relações de amizade durante os 24 anos de convívio na Colônia Hansa Hammonia, até o regresso de primeiro, em 1926, à Alemanha.

Cumprе salientar que o capítulo ora publicado não se trata do derradeiro em apresentação, pois na expectativa de que a sua divulgação esteja atendendo aos anseios daqueles interessados nas informações da história colonial regional, sob o mesmo enfoque da nossa "revista" - *Histórias ao Redor da Fogueira* - e, em diversos fascículos, deverá ser veiculado o enigmático conto do folclore serrano denominado "O Caipora", do mesmo autor.

* José Deeke – agrimensor e cartógrafo. Autor de livros e numerosos artigos sobre a região do Vale do Itajaí. Sua obra mais famosa intitula-se: "O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento", publicada originalmente em alemão pela editora Rotermund & Cia. (São Leopoldo, 1917, em três volumes); e, em 1995, em português (Blumenau, Editora Nova Letra). Tradução: Edith S. Eimer / Niels Deeke.

Notas de fim e apresentação redigidas por Niels Deeke.

DISPOSIÇÕES COINCIDENTES DO DESTINO¹

Depois que Rankow e Jansen fortaleceram-se, na Estação², com um bom almoço que Heuer preparou, despediram-se e tomaram o caminho de regresso a Concórdia³. Kerber, Mastner e os luso-brasileiros não quiseram esperar e já haviam partido levando os pertences de Rankow.

Após os dois companheiros caminharem cerca de dois quilômetros, chegaram ao local onde estavam construindo o rancho para abrigar os imigrantes, e lá encontraram o suíço que se inscreveu no rol dos operários e começaria a trabalhar na manhã seguinte tudo conforme suas palavras que foram :

– Hoje, à tarde, ainda pretendo recuperar-me de toda a cansaça com as medicações. – Pegarei no batente amanhã.

O empreiteiro⁴ era um velho conhecido de Rankow e como também ele precisava ir à Concórdia resolveu acompanhá-los. No caminho o empreiteiro contou que seus homens tinham muito receio dos selvagens, dos quais afirmavam ter, seguidamente, percebido sinais da presença. Queixou-se da constante lábia que precisava usar no fito de tirar-lhes o pavor da cabeça, apesar de saber que uma empreitada, tão distante na floresta, tinha riscos muito evidentes.

– Bem, quanto aos riscos tenho a mesma opinião, considerou Rankow. Sei disto por experiência própria e, quanto ao temor do pessoal, para acalmá-los é necessário ter sempre prontas respostas convincentes, pois se acaso comprovarem a presença dos índios, nada os deterá e inexoravelmente por-se-ão em fuga. Há passado um mês, os bugres estiveram caçando no Rio Escuro - encontrei suas tranqueiras e, parece-me que vieram em direção ao Posto.

O empreiteiro porém refutou o parecer de Rankow, afirmando :

– Se estivessem por aqui, há muito já teriam nos atacado, mesmo porque nos primeiros dias fomos bem menos cautelosos.

– Quem poderia saber por que não o fizeram? Os irmãos pele-vermelha sabiam muito bem que estávamos na sua retaguarda, lá no interior da floresta. Seus espias diariamente observavam nossos movimentos. Por isso sabem que hoje fomos embora e conseqüentemente a sua situação passa a se agravar, admoestou Rankow.

O empreiteiro, enquanto caminhava, acendeu um charuto - que aliás durante todo aquele tempo esteve pendendo em sua boca - e depois arrazoou:

– Bem, tão perigoso na certa não será. Meus homens nunca trabalham sozinhos e estão todos razoavelmente armados. Por isso não creio que os selvagens se arrisquem a atacá-los.

Com estas considerações o tema se esgotou. Ainda falaram de caça, pesca, acerca da imigração e outras amenidades, até que, ao entardecer, chegaram a Concórdia.

À noite, no hotel Weilerstedt⁵, Rankow teve a oportunidade de ouvir o que a nova Sociedade de Canto da colônia produziu, e isso lhe causava realmente prazer, pois apesar da Sociedade ser de criação recente, seus cantores eram experimentados.

Histórias ao redor da fogueira do acampamento

Naquele noitada, parecia - talvez estimulados pela cerveja oferecida por Rankow que desistiram de treinar novas cantigas, pois só desenvolveram canções já consagradas e que os ouvintes satisfeitos aplaudiam.

Enquanto Rankow escutava a melodia das canções, sentado diante de um copo de cerveja, lentamente veio para perto de si um colono - que pelo sotaque poder-se-ia deduzir que fosse um Suábio⁶.

- Diga-me, o senhor é o agrimensor Rankow? Perguntou-lhe o homem.

Rankow só assentiu com a cabeça ao levantar seu copo de cerveja. De nada lhe agradava ser incomodado e pensando numa maneira de livrar-se do sujeito, achou que o melhor seria dar-lhe a menor atenção possível.

Mas isto parecia não aborrecer o outro.

- Até onde o senhor subiu o Rio dos Monos? Continuou a perguntar-lhe o indivíduo.

Ao ouvir isso Rankow olhou com mais atenção o homem. Como enfim aquele sujeito poderia saber algo sobre o seu trabalho? A seguir informou-lhe a quilometragem aproximada que foi percorrida.

- Tão longe assim? Exclamou o homem interessado. - E o Rio Escuro também foi explorado em tamanha distância?

- Não, redarguiu Rankow. - Tão distante não. - Mas agora diga-me de onde sabe acerca dos trabalhos executei lá em cima?"

- O senhor Kroner falou-me do assunto dias atrás, disse o homem pensando ter satisfeito a pergunta.

- O Senhor Kroner?? O Engenheiro-chefe? Ele está aqui? Indagou-lhe já então muito curioso Rankow.

- Não, ele não veio para cá. Fui eu que estive em Pedra Grande⁸ e fui visitar o velho engenheiro. Na ocasião falamos do senhor e de seu atual trabalho, disse o desconhecido.

- Ora, disse Rankow com alguma dúvida, - se o senhor foi até lá somente para visitá-lo, então, certamente, deve dar-se muito bem com o senhor Kroner!

- Sim, disse simplesmente o colono, - gostamos de trocar idéias e quando o eng^o Kroner vem para cá, também não deixa passar em brancas nuvens a oportunidade de me visitar.

Com isso, para Rankow, toda aquela história extrapolou. Ou o homem o fazia de tolo ou....

- Mas diga-me quem afinal de contas é o senhor? Perguntou-lhe repentinamente Rankow..

Surpreso o suposto colono levantou a cabeça.

- Ah, ainda não me conhece! E em seguida, inclinando a cabeça, apresentou-se: Sou o Dr. Weltmann⁹.

Rankow, confuso, tornou a fitar o homem, examinando sua indumentária e analisando-o de alto a baixo.

Histórias ao redor da fogueira do acampamento

Enquanto isso o Dr. Weltmann permanecia quieto, como se estivesse a dar tempo para Rankow fazer o seu julgamento.

Mas este logo recuperou-se da surpresa e levou o caso para o lado humorístico. Contou-lhe como durante sua viagem para lá, ouviu, em Bonfim¹⁰ críticas mordazes acerca de seu interlocutor e de quanto se divertiu com os julgamentos que lhe imputavam.

O Dr. Weltmann ficou um pouco zangado. Disse que deveriam ter observado a restrição do conteúdo das cartas que diziam respeito às notícias destinadas a seus amigos na Alemanha e jamais imaginara que fossem objeto de publicação em jornais. Não compreendia a razão da publicidade e não podia deixar de atribuir ao episódio a intenção, preconcebida, de desacreditá-lo.

Conversaram a respeito de diversos assuntos e com isso Rankow, imediatamente, constatou que estava tratando com um homem extraordinário. Percebeu que diferenciando-se da maioria dos provenientes da Europa, não era parcial ou um injusto, preconceituoso ou intransigente, muito ao contrário, o Dr. Weltmann estava até, em certos aspectos, melhor informado das condições reinantes no país, do que o próprio Rankow. Exercia na nova colônia atividades muito diversificadas, era Pastor, Professor e Diretor de sua escola colonial, praticando todos os ofícios num só estabelecimento. Apesar do acúmulo de funções ainda lhe sobrava tempo para dedicar-se à agricultura e pecuária - além do aconselhamento, fortalecendo o ânimo dos novos colonos, mediante suas palestras.

Tarde da noite se despediram.

Na manhã seguinte deram continuidade à viagem a cavalo. Jansen tomou de Schwarzel o animal que fora alugado por Rankow em Pedra Grande. Os luso-brasileiros já haviam, na noite anterior, se dirigido diretamente para casa; Kerber e Mastner optaram por ficar ainda algum tempo em Concórdia, a fim de eventualmente adquirir alguns objetos, trazidos pelos novos colonos, que geralmente eram baratos.

Chegando em Pedra Grande hospedaram-se, provisoriamente, num hotel; fortificaram-se o necessário e passaram a indagar, visando informações sobre alguma moradia adequada. O dono do hotel sabia de uma bem próxima dali, que poderia ser adquirida ou alugada. O único inconveniente era ser algo grande para as necessidades de Rankow e conseqüentemente um pouco cara. Entretanto não custaria vê-la.

Tanto Rankow como Jansen ficaram encantados com a propriedade. A casa situava-se nas proximidades da estrada - erguia-se, porém, nos fundos de um pequeno jardim frontal. Possuía pasto suficiente, estrebaria e até um galinheiro. O cercado divisorio era firme e bem alinhado.

- Com esta nós ficamos, exclamou Rankow. - Se for grande demais para nós, poderemos alugar alguns quartos.

Rankow não disse isto para valer, mas o dono do hotel concluiu que não era uma má idéia, dizendo ser até convivente para si, pois ultimamente eram muitos os forasteiros, não conseguindo acomodá-los todos, e assim poderia indicar local próximo para se alojarem.

– Ora, vejam só, disse Rankow bem disposto, – pensei que sentir-se-ia desfalcado em perder-nos como seus hóspedes e no entanto somos nós que o ajudamos em sua atividade.

A seguir procuraram o proprietário do imóvel e acertaram a locação e respectivo valor do aluguel.

Tiveram algumas dificuldades com o mobiliário, pois naturalmente não havia qualquer móvel na casa, porém para um período tão curto, não se justificaria comprar muitos. Uma mesa, duas cadeiras e um banco, arranjou-lhes o hoteleiro. As camas ajeitaram simplesmente no próprio assoalho e outras peças Jansen improvisou com muito empenho, no decurso dos dias subseqüentes.

Rankow não tinha pressa para finalizar seus trabalhos de configuração e arte gráfica final dos levantamentos topográficos, pois o engenheiro responsável¹¹, ao qual deveria entregá-los, havia viajado para outro distrito onde se demoraria por algum tempo. Assim, despreocupado, Rankow só trabalhava algumas horas do dia nas suas funções técnicas e o restante do tempo aproveitava para junto com Jansen, cuidar do jardim, galinheiro e estrebaria. Foram dias maravilhosos para os dois companheiros.

– Como faz bem a uma pessoa um pouco deste trabalho na terra! - Disse Rankow. E os olhos de Jansen brilhavam de satisfação ao responder:

– É verdade, isto até me faz voltar a ter interesse pela vida.

O almoço faziam no hotel, o café da manhã e o jantar preparavam eles próprios acompanhados de, como dizia Rankow brincando, ovos de qualidade com a garantia de origem.

Passados alguns dias depois de se instalarem na nova moradia, o jornal de Pedra Grande¹² publicou a notícia do assalto dos índios, vitimando dois operários na Colônia Concórdia. Um estava morto e outro gravemente ferido.

– Eu não disse? Exclamou Rankow, ao ler a curta notícia no jornal. – Só espere, Jansen, até sabermos os pormenores, pois na certa aconteceu lá em cima, onde estavam construindo o rancho dos imigrantes! E bem que eu avisei o empreiteiro.

E não deu outra. Dois operários estavam isolados na floresta, absortos no seu trabalho de serrar tábuas quando, atraídos pelo cobiça de apoderarem-se das ferramentas, os selvagens atacaram. O morto Rankow conhecia, mas Jansen não. Quanto ao outro, o ferido, era o suíço conhecido de ambos. (trata-se do ataque indígena referido na Nota de fim nº 4)

Dias após, Kerber e Mastner foram procurar Rankow para receber seus ordenados, e quando foram informados do ataque dos índios, interessados quiserem, naturalmente, saber mais detalhes e depois de cientes, comentaram:

– Só quero que alguém torne a rir de mim, disse Kerber valente, – quando contar que estivemos, lá em cima, tão perto dos índios que quase chegamos a dividir nosso prato de comida com eles.

Mas logo assumindo uma feição de compaixão, acrescentou:

– E o pobre do suíço teve realmente azar. Primeiro foi a anta – que por pouco não lhe arrancou a cabeça e agora os selvagens praticamente lhe decepam a perna.

O suíço ferido por uma lança, cumpre dizer, logo se restabeleceu. E quanto a Kerber, com seu linguajar atropelado e prosa de valentia pelo risco corrido, estava sempre às voltas com jargões como: “arrancar cabeças ” e “torcer braços e pernas ” – por isso quem o conhecesse, saberia de antemão o que pretendia dizer com tais palavras, que nada mais representavam que um confortável pretexto, dando-se por feliz em ter escapado de idêntico destino.

Em um daqueles dias, Rankow estava à mesa trabalhando, quando, num momento, em que lançava seu olhar pela janela, percebeu algumas pessoas, aparentando ser de fino trato, paradas diante do portão de seu jardim, demonstrando a intenção de adentrar.

De imediato seu rosto assumiu uma expressão de desagrado. – Novamente estranhos à procura de casa! Preciso voltar a chamar a atenção do bom hoteleiro, murmurou de si para consigo.

– Ele manda-me, a toda hora, estranhos, apesar de já saber que não pretendo mais alugar quarto algum. E mesmo que eu quisesse nem poderia, pois não estão mobiliados.

Nesse entretanto o pessoal entrou no jardim. Havia um senhor, duas damas e uma moça que empurrava um carrinho de criança. A seguir o grupo se deteve, parecia que deliberavam algo, até que uma das senhoras foi em direção à casa.

– Por Deus, pensou Rankow, – parece que terei que tratar com uma pessoa decidida, do contrário seria o homem que teria entrado em seu lugar. Mas de qualquer maneira desta vez não poderei ser tão grosseiro, pois as damas devem ser tratadas sempre com respeito...

Nisso já estavam batendo à porta.

– Entre, disse alto Rankow, e ao mesmo tempo levantou-se e deu alguns passos em direção à porta onde logo se encontrou frente à dama.

Rankow, pela sua pré concepção podia considerar-se decepcionado, pois a mulher, nem de longe dava a impressão de que fosse pessoa muito resoluta. Muito ao contrário e já era uma senhora de certa idade, mas seu semblante tinha feições muito meigas. Seus cabelos eram grisalhos, que entretanto não pareciam combinar com o rosto – denotava-se, além de tudo, ter envelhecido precocemente.

– Em que posso servi-la? Perguntou-lhe Rankow atencioso, puxando uma cadeira para perto.

– Ah, por favor, não se incomode, falou a mulher. – Eu só entrei... nos disseram, que o senhor eventualmente teria alguns quartos para alugar...

– Sim, alguns quartos existem, mas Rankow fez uma pausa e pensou que na verdade pretendia dizer: – mas não adianta falar sobre isso, pois mudei de idéia ou algo parecido. Contudo a mulher o fitava com os olhos tão singulares e interrogativos – Não, mentir não poderia. Por isto depois de curto intervalo, continuou:

– Mas se a senhora veio com o propósito de alugá-los, então antes preciso informá-la dos pormenores e circunstâncias dos recintos – por isso é melhor que se assente à cadeira.

Ao convite, a senhora aceitou sorrindo.

— Agora já estou com um pouco mais de coragem, disse ela olhando com sinceridade, — já estava preparada para receber uma recusa.

Rankow corou um pouco — estava com raiva do dono do hotel. Não bastava mandar-lhe toda a sorte de candidatos a inquilinos, mas ainda por cima apresentava-o como “homem mau”, porque recusava, com alguma truculência, certos pretendentes por demais petulantes.

— Caso o dono do hotel, lá na rua principal, lhe tenha indicado meus quartos vazios, disse etc,

— então deveria, de antemão, ter-lhe dito que se constituem só de paredes, móveis tampouco os tenho...

— Compreendo, fomos cientificados desta condição, disse conformada, — contudo se os quartos nos agradarem, os alugaremos, independentemente da falta de móveis.

— Bem, então precisaria comprar além do mobiliário, também cortinas, pois nem mesmo camas existem...

— Não pretendemos ficar por muito tempo e assim sendo a aquisição da mobília não será problema, pois na desocupação poderemos vendê-los.

— Muito bem, disse Rankow, enquanto intimamente consumia-se em raiva. Alugavam os quartos, com toda a certeza, para duas damas, um senhor, uma empregada e uma criança pequena! Criança de criança de dia, choradeira à noite! Estava ali o resultado de seu tratamento gentil. Adeus tranquilidade. Se ao menos tivesse dito que não alugava! Mas ingenuamente imaginava que desistiam ao dar com os natizes nas paredes vazias.

A dama deixou os olhos percorrerem a sala e indagou? — Certamente o senhor não mora aqui há muito tempo?

— Estou aqui há oito dias, certificou Rankow.

— E mora só?

— Não, somos dois. Um senhor de mais idade, que geralmente me acompanhava nas viagens de exploração, divide comigo esta casa.

— Viagens? Ah, certamente com destino às colônias. O senhor é representante comercial? Indagou a mulher.

Rankow esboçou um gesto em negação, dizendo:

— Oh não, as viagens pela selva realizo com o objetivo de procedimentos cartográficos — sou agrimensor.

Dito isto, a mulher ficou-o interessada. — Agrimensor... então na sua profissão deve fazer contato com muita gente... com pessoas que... como poderei me exprimir? Pessoas desiludidas com o mundo que nada mais querem saber do convívio em sociedade. Pelo menos contam-me que semelhantes indivíduos, na excentricidade de sua misantropia, às vezes, juntam-se às turnas de agrimensores...

— Quanto a isto disseram-lhe a verdade, confirmou Rankow sorrindo, — tais homens já fizeram, várias vezes, parte de minhas expedições.

– Que bom, disse a senhora, pois parece que estou, nesta casa, diante da pessoa certa - e que talvez possa me ajudar. Permita que lhe confidencie certas particularidades de minha pessoa, pois assim seria mais fácil compreender o que procuro? Indagou a mulher.

Rankow mirou-a admirado ao dar-se conta de quão interessante ia ficando a entrevista. Já era quase dono da casa, disso passou a senhorio pela locação e agora ainda seria padre no confessionário!

A mulher percebendo o que passava em seus pensamentos, olhou-o com tristeza e esclareceu:

– Não precisa se preocupar, o que direi é muito simples.

Rankow ficou um pouco embaraçado. Como teria ela descoberto o que pensava! E respondeu:

– Oh, não esperava por outra coisa... estou às suas ordens. Mas antes que me honre com sua confiança, permita que me apresente: –Rankow - Emil Rankow.

– Obrigada, e com sua licença vou diretamente ao assunto:

– Há cerca de dez anos passados, perdi meu marido - ou melhor ele me considerou perdida e foi pelo mundo afora. Durante anos, apesar de todas as pesquisas, nada mais ouvi a seu respeito e já o acreditava morto. Contudo repentinamente surgiu uma pista que há anos estou perseguindo, porém por mais que me esforçasse nunca consegui alcançá-lo. Sempre que obtinha uma informação positiva de que estivera neste ou naquele lugar, era tarde demais e ele já havia se distanciado. Mas agora acredito que eu esteja próxima e se não estiver enganada ele dirigiu-se para esta zona da Colônia. E veja senhor Rankow, nisso poderá ajudar-me, viaja muito e poderia eventualmente encontrar seu paradeiro e...

– Com todo o prazer, exclamou Rankow que escutava atento e interessado.

– Mas qual o nome de seu marido?

– Seu nome é Gerhard Jansen, disse-lhe a mulher resignada.

Dando um pulo, Rankow saltou da cadeira e fitou a mulher cheio de dúvidas, exclamando:

– Gerhard Jansen? - Conheço um homem com este nome.

Nisso quem levantou-se da cadeira foi a mulher.

– O senhor o conhece? Oh, por favor me diga, onde posso encontrá-lo? Perguntou implorando.

Mas Rankow, recuperando-se, readquiriu seu auto controle: – Meu Deus - falou justificando-se, – como pude deixar-me enganar pela semelhança do nome. Desculpe-me, senhora Jansen, se por um momento lhe dei esperanças, pois o Gerhard Jansen que eu conheço não pode ser seu marido, já que sua esposa está morta.

– Por Nossa Senhora, disse a senhora Jansen, caindo em lágrimas, – eu já estava tão contente. Mas enfim é interessante para mim, saber que meu marido tem um homônimo, por favor conte-me algo a seu respeito.

– Com prazer, anuiu Rankow, quando tornaram a sentar.

– Este Gerhard Jansen que conheço, morava no Rio, com esposa e filha. Seu filho estava num instituto de ensino. Sobreveio a febre amarela que vitimou sua mulher e a filha - ele próprio contraiu tifo...

Adiante Rankow não pôde ir... pois a senhora Jansen tornou a levantar-se e muito agitada exclamava com voz trêmula :

– É ele ... é ele... é meu marido de quem o senhor fala. Nós não morremos naquele epidemia, minha filha e eu nos recuperamos da febre amarela....foi... foi...

A senhora Jansen não conseguiu falar mais, afligida como ficou por tamanho nervosismo. As forças a abandonaram, precisou sentar-se, estava mesmo prestes a desmaiar e descansou a cabeça inclinada nos ombros e apoiada pelas mãos.

Rankow jazia perplexo, depois saiu para chamar Jansen. Encontrou-o justamente na porta dos fundos, vindo do galinheiro com os ovos da última postura. –Oito ovos, disse ele, olhando Rankow com satisfação.

– Ótimo, nossa criação de galinhas está rendendo, assentiu Rankow um pouco ausente. – Mas deixe os ovos na cozinha e venha até a sala ver-me.

Jansen, mirou-o surpreso : – Pois não, disse, –logo irei - no entanto tinha um estranho pressentimento. O que teria acontecido ? Rankow o mirara tão enigmático!

Voltando à sala Rankow deparou com a senhora Jansen imóvel, continuava com a cabeça apoiada nas mãos. E em seguida entrou Jansen - olhou a mulher com indiferença e depois perguntou:

– O que deseja de mim senhor Rankow?

Ao som da voz de Jansen, a mulher se ergueu. Com os olhos arregalados fitou-o por um momento em profundo silêncio e depois quase gritando, estendeu-lhe os braços :

– Gerhard ... - Gerhard, finalmente o encontrei !

Jansen encolheu-se assustado e virou-se rápido. Seu olhar ficou paralisado e quando por fim levantou os braços, ergueu-os em defensiva, aterrorizado, recuando em direção à parede, murmurando:

– Lisbeth....Lisbeth, é a alma ... o espírito de Lisbeth....

A senhora Jansen, quando viu o marido recuar, deixou, exangue, caírem os braços, mas de súbito seu rosto adquiriu uma expressão de confiança. Deu alguns passos em direção a Jansen e começou a falar-lhe com insistência.

– Gerhard, disse ela a olhá-lo com carinho e ao mesmo tempo implorando, – olhe para mim, não sou fantasma algum, sou realmente Lisbeth...a sua Lisbeth !

E enquanto Jansen, continuava encostado na parede e não descrevava seus olhos aterrorizados dela, a senhora, fazendo de tudo para acalmá-lo, lhe expunha :

– Não morremos naquela ocasião, não obstante termos sido, tanto Aída como eu, castigadas, com inclemência, pela febre. Quando, certo dia, estávamos melhorando vieram nos buscar e levaram-nos para uma Bela Vila, onde fomos muito bem tratadas. Como nos disseram que assim procediam por ordem de meu marido, só estranhei que não vinha visitar-nos, porém fui informada que também você ficara muito doente, razão pela qual se justificava sua ausência, contudo me acalmaram declarando que es-

tava se recuperando bem. O tempo passou e só quando já plenamente restabelecida, pude exigir energicamente notícias suas e de Feliciano e soube que a nossa transferência para a Vila, havia sido um engano. Seu proprietário, um homem muito rico, estava viajando, enquanto sua esposa e filha contagiadas pela febre amarela, foram encaminhadas a um hospital.

Quando o homem retornou e percebeu o engano, pediu imediatamente informações na administração do hospital, sendo cientificado de que seus familiares tinham enfrentado a crise com sucesso e estavam em franco restabelecimento.

O engano ocorreu pelo motivo da maioria dos doentes ter sido internada, naquele sanatório, sumariamente, sem que lhes tomassem os dados relativos às suas identidades e também no atropelo mais intenso do surto que contaminou mais de metade da população do Rio, certamente cometeram erros de registro, trocando nomes e endereços, e assim tomaram Aída e a mim, pela filha e esposa do proprietário da Vila. Quando se deram conta do engano resolveram continuar dispensado-nos os melhores cuidados possíveis, como se fôssemos seus próprios entes queridos, pois o bondoso proprietário achou que faria uma ação humanitária, nada revelando. Ah, se o homem soubesse que com sua boa ação rompeu nossos laços de felicidade nesta vida!

Jansen já se desencostara da parede - enquanto a senhora Jansen falava, havia se erguido mais e mais e seu semblante estupidificado desapareceu. Postou-se bem à frente de sua mulher e escutava, com atenção, as suas palavras e quando ela fez uma pausa, ele ergueu os braços e apenas disse:

- Lisbeth! Mas quanto de emoção havia na sua voz e na palavra! Era tanto que dispensava qualquer complemento.

Lisbeth, soluçando, atirou-se em seus braços e depois deixaram-se cair no banco junto à parede.

Neste momento abriu-se a porta, pois certamente estava demorando muito para os que permaneciam no jardim e a outra dama entrou. Primeiro viu Rankow, até que, admirada, examinando a sala, deu com os dois sentados no banco.

Ficou por um instante pasma e logo deu um grito:

- Meu pai, meu pai! - E foi correndo em direção a Jansen, ajoelhou-se em sua frente e beijou-lhe as mãos.

Jansen a abraçou, exclamando amorosamente: - Minha filha, minha boa e querida Aída.

Alguém, que ainda permanecia do lado de fora, tornou a abrir a porta e então entrou um senhor que observou todo aquele movimento, depois deu mais um passo à frente - quando parou hesitante.

Nisso a senhora Jansen, talvez sentindo instintivamente quem estivesse ali parado, levantou a cabeça que estivera apoiada no ombro do marido e notando-lhe a presença disse a Jansen, como a chamar-lhe a atenção para uma nova condição.

- Gerhard!? Disse ela ao marido que ainda continuava a olhar comovido para frente, alisando o cabelo de Aída, - veja quem também está aqui! É Feliciano, seu filho - o nosso filho!

Histórias ao redor da fogueira do acampamento

Jansen, ao fitar o jovem senhor, sentiu passar-lhe um calafrio pelo corpo e então fugiu-lhe do rosto toda comoção, dando lugar a uma expressão séria e amarga.

– Vejam só, disse amargurado. – Meu filho vem ver-me! Será que ele pretende me perdoar?

Aí Feliciano não agüentou mais, ajoelhou-se aos pés do pai dizendo:

– Sou eu que deverei implorar o seu perdão, meu pai! E suplicou tristemente:

– Oh, meu pai, pode me perdoar?

O rosto de Jansen desanuviou-se - desapareceram os traços de severidade e amargura. Seu semblante transmutara-se em tristeza e desalentado disse:

– O destino está brincando comigo! Inconsolável vaguei pelo mundo por toda uma década procurando a morte - porque meu filho não queria perdoar-me. E agora é ele quem vem pedir o meu perdão!

– Sim, Gerhard, interrompeu a senhora Jansen, – Feliciano precisa do seu perdão, pois naquela época o ofendeu muito - porém já se arrependeu por haver se comportado com tanta falta de amor para com você. Todavia nosso filho também deve ser desculpado, Gerhard - porque também ele estava muito doente naquela ocasião e não sabia o que estava fazendo. Seu comportamento era consequência de seu estado doentio que iniciava sua manifestação, pois logo após minha recuperação, quando fui vê-lo, o encontrei delirando e ardendo em febre e nem mesmo me reconheceu.

Agora Jansen soluçava alto turbado emotivamente até o seu âmago; esticou os braços e levantou Feliciano do chão onde permanecia ajoelhado. – Oh, ... pudesse eu ter imaginado..., e ainda conseguiu dizer com a voz embargada: – Oh, se eu não tivesse ido embora tão rápido - quanto sofrimento teria lhes poupado!

Rankow que assistia a toda aquela cena, ficou sensibilizado e comovido - silenciosamente fez menção de sair, mas a senhora percebeu e chamou-o de volta.

– Não, não senhor Rankow, o senhor deve ficar. Foi através do senhor que o temos de volta, por isso também precisa saber como tudo aconteceu.

Solícito, Rankow tornou a sentar-se, e então Feliciano levantando-se disse:

– Sim, isto é verdade - o pai ainda não sabe como se desenrolaram os fatos, vou contar-lhe tudo agora mesmo.

– A mãe disse há pouco, que meu comportamento para com o senhor, naquela ocasião foi consequência de minha fraqueza de saúde e nisso em parte tem razão. Entretanto o que mais me abalou depois da notícia do estelionato praticado pelo Banco, foi o remorso e a recriminação pela ingrata maneira como o tratei - e pela injustiça que cometi, não me perdoei.

– Oh, exclamou Jansen interrompendo-o, – será que o Banco não deu o calote? O dinheiro não se perdeu?

– Não, o dinheiro não foi perdido, prosseguiu Feliciano, – e também não era um Banco que pretendesse aplicar um golpe comum, mas nem por isso aquele instituição bancária deixava de visar a fraude, o que pode ser considerado até pior. Quando, mediante promessas de altos juros, conseguiram angariar capitais consideráveis, os próprios funcionários daquele Banco propalaram aquele nota alarmante, o que não

prejudicou em muito a situação da instituição, obstando que, no futuro, a quebra fosse ainda mais ruínosa. Os investidores foram correndo exigir o seu dinheiro - porém os longos prazos obstavam os saques e o Banco, lançando mão deste argumento, se eximiu dos pagamentos. Os diretores do Banco foram até generosos, sacudiram os ombros e disseram que quem quisesse receber seu dinheiro imediatamente, poderia tê-lo, contudo haveria o devido desconto. E não foram poucos os que preferiram recebê-lo imediatamente de volta. Conforme a notícia que correu, em poucos dias, o Banco perdeu milhares de contos em depósito, ou seja só devolvia cinquenta por cento, liquidando a conta - a outra metade apropriava a título de encargos pela devolução antecipada. Quando os recursos do estabelecimento se esgotaram ou talvez não se apresentaram mais credores que não quisessem receber em devolução os seus capitais diminuídos pelo desconto, então o Banco passou a liquidar o resto dos débitos, nos prazos fixados, de forma integral. Desta maneira Aída também recebeu todo o seu capital acrescido dos altos juros.

Portanto não foi tão mau assim e tudo quanto tinha depositado, todo aquele dinheiro que estava no dito Banco golpista foi recuperado, pois o estabelecimento bancário ao qual antes deste confiou o depósito, este sim faliu pouco depois.

Quando Feliciano terminou, por algum tempo reinou profundo silêncio naquela sala.

Jansen como que tomado por um turbilhão de contraditórios sentimentos provocados com aquelas novidades, nem conseguia entender direito como tudo se passou, mas mesmo assim perguntou :

- E o que aconteceu depois ?

E então Feliciano prosseguiu :

- Mamãe e Aída alugaram uma bonita casa, mas a nossa vida se resumia a sua procura. Voltei para a escola e Aída adiantou-me o dinheiro para seu custeio, - pretendia devolvê-lo mais tarde, mas logo depois casamos.

- Quem casou? Perguntou Jansen surpreso.

- Nós, meu pai, Aída e eu, disse Feliciano, - pois já nos amávamos há muito tempo.

- É verdade, concluiu Jansen, -isto era evidente, sempre esperei por isto.

Aída, sem que percebessem, saiu e ao voltar trazia nos braços o pequeno Gerhard que colocou no colo de Jansen. - Aqui tem, meu querido pai, disse ela com um sorriso de felicidade, - o seu neto.

Enquanto estavam todos entretidos com o pequeno, Rankow saiu silencioso da sala e lá no jardim

sentou-se num toco em baixo da laranjeira, murmurando :

- Como é possível que possa acontecer coisa semelhante ?

- Ainda há pouco o solitário Jansen morava comigo. Agora é o contrário, eu é que passei a morar com Jansen e sua família, isto até o dia em que terei de voltar à floresta quando, e disto tenho certeza, irei sentir a falta de alguém a cuja presença já me acostumei demais.

Histórias ao redor da fogueira do acampamento

NOTAS DE FIM:

- 1) **DISPOSIÇÕES COINCIDENTES DO DESTINO**, ou Coincidências do Destino. No original: Terceira parte 5. "SCHICKSALSFÜGUNGEN" – AM LAGERFEUER. Reiseerlebnisse und Erzählungen am Lagerfeuer – von José Deeke.
- 2) **ESTAÇÃO**: Estação e Posto. As palavras "Posto" e "Estação" têm acepção diversa. Posto: expressão de local fixo, quando intencionalmente estabelecido para perenizar-se. Estação: sítio de utilização provisória e efêmera, geralmente escolhido para servir como acampamento-base pelas turmas de agrimensores em seus trabalhos nas florestas. A Companhia Colonizadora Hanseática, mandou fazer um rancho de tábuas e abrir uma clareira, a dita do Posto ou da Estação do Posto, o qual era, em 1901, era o ponto mais avançado atingido pelos caçadores antes de seguirem o curso do Rio Krauel acima. O abrigo situava-se à margem esquerda do Rio Krauel, na foz do primeiro tributário da margem esquerda a jusante do Rio dos Monos, e consta dos Mapas de José Deeke, como rio do Posto. (Vide mapa do Município de Blumenau - Organizado por José Deeke por Ordem do Sr. Superintendente Curt Hering -1924 (escala 1: 250.000 - Impresso Lithographie und Druck von F. A. Brockhaus - Leipzig - a cores. Loc. A.H.J.F.S - mapoteca n° 007).
- 3) **CONCÓRDIA**: criptônimo que oculta a verdadeira denominação da sede da colônia Hansa-Hammonia. É interessante observar as denominações que o autor emprega. Justamente o nome "Concórdia", significando paz, para a colônia da qual foi diretor e principalmente «Hã R mmonia», quase parônimo de «Hammonia». Harmonia = Concórdia.
- 4) **O EMPREITEIRO**. Tratava-se do empreiteiro Sr. Augusto Sohn. (*A. Sohn casou-se com Dorothea Thiele, pais de Auguste Sohn, nascida em 06.02.1881 em Encano do Norte, Blumenau - margem esquerda do Itajaí-Açu - e falecida em 03.01.1967 em Rio do Sul. Auguste Sohn, casou-se, em 1900, com Felix Deeke, fazendeiro nascido em 17.5.1866 em Brusque e falecido em 16.12.1948 em Rio do Sul SC - de cujo matrimônio tiveram 16 filhos. Augusto Sohn foi concessionário da "Balsa do Passo Manso" na Colônia Blumenau, residindo próximo ao rio Itajaí-Açu, na margem esquerda, e conforme apontamentos de Christiana Deeke Barreto, arquivista da Prefeitura Municipal de Blumenau, existia ainda no arquivo, antes de 1958 por ocasião de incêndio do prédio, o "Contrato de Concessão de Passagem e exploração por Balsa" firmado entre o poder público e o balseiro Augusto Sohn. Sohn posteriormente estabeleceu-se como vendeiro em Jaraguá do Sul SC.*). Sohn, em 1902, contratou os operários referidos no ataque dos bugres ocorrido em 03 de novembro 1902 - local Nova Bremen - 01 morto branco: Zinke e 01 ferido branco: Engelhardt » cf. relação elaborada por José Deeke constando como o assalto n.º 30. (O Jornal de Santa Catarina de 08 de novembro de 1966 p. 06 B, reportando o 99º aniversário da fundação de Ibirama, no tópico "Índios", se refere ao assalto indígena como acontecido em 02 de novembro de 1902)..
- 5) **HOTEL WEILERSTEDT**: Suposto criptônimo para o *Hotel zur Stadt Berlin* existente em Hammonia naquela época. Na obra de Wettstein «Brasilien und die Deutsch-Brasilianische Kolonie Blumenau» Verlag von Friedrich Engelmann -1907 a p. 269, há uma foto do referido hotel. Entretanto poderia tratar-se igualmente do *Hotel Luederwaldt*, pois este, como também *Weilerstedt*, possui onze letras, sinalizando pista que o autor, de alguma maneira e quase sempre, nos deixa entrever para identificação das denominações e patronímicos.
- 6) **SUÁBIO**: No original Schwabe.

Histórias ao redor da fogueira do acampamento

7) **SENHOR KRONER** . Engenheiro Chefe Heinrich Krohberger - (Henrique Krohberger) n. 1836 f. 22.4.1914.

8) **PEDRA GRANDE** . Na presente obra significando o substituto do topônimo para a cidade de Blumenau

9) **DR. WELTMANN** : Suposto pseudônimo que o autor usa para denominar o Dr. Paul Aldinger. (Observe-se que tanto Weltmann como Aldinger têm onze letras na formação de seus nomes) O Dr. Paul Philipp Aldinger nasceu a 23 de agosto de 1869 em Wurtemberg-Alemanha, cf. consta à p. 328 do “Livro do Centenário de Blumenau - 1950.

10) **BONFIM**. Suposto criptônimo para Aquidabã (*A margem direita do Itajaí-Açu, que segundo a grafia da época era AQUIDABAN é a atual Apiúna. Apiúna foi no século passado conhecida pelas mais diversas denominações: Neisse, Ribeirão dos Bugres, Aquidabã.*)

11) **ENGENHEIRO RESPONSÁVEL**. O engenheiro contratado pela Cia. Hanseática de Colonização foi Emil Odebrecht. As primeiras medições de José Deeke, na Hansa Hammonia, foram realizadas quando ainda era profissional autônomo, mediante contrato de empreitada. Só a partir de janeiro de 1904, quando assumiu as funções de diretor técnico da “Hanseática” passou Deeke a responsabilizar-se profissionalmente, assinando como “agrimensor” – referendado pela empresa.

12) **JORNAL DE PEDRA GRANDE** : Blumenauer Zeitung. Jornal cujo primeiro exemplar saiu no dia 1º de janeiro de 1881. Responsável e proprietário do Jornal : Hermann Baumgarten ; Redator Chefe: Anton Härtel. Anexa às oficinas e aos escritórios, encontrava-se a residência de seu editor o Sr. Hermann Baumgarten, (04.4.1856 - 06.02.1908) filho de um dos primeiros imigrados da Colônia Blumenau, Carl Friedrich Julius Baumgarten, aqui chegado em junho de 1853.. Hermann Baumgarten casou-se com Maria Gisela Deeke, filha do Comandante das Guardas de Batedores do Mato: Frederico Deeke. Na antiga casa, ainda em 1948, residia Dª Frieda Baumgarten Tonolli, filha de Maria Gisela Deeke Baumgarten. Frieda Tonolli por volta de 1960 já residia na Ponta Aguda, Blumenau, onde faleceu a 24.3.1972.

Biografias

Coronel Pedro Christiano Feddersen*

TEXTO:

CELSO
LIBERATO



Sombrio para Blumenau e para todo o Vale do Itajaí, o dia 23 de junho de 1946. Faleceu o Coronel Pedro Christiano Feddersen. Avisado da triste ocorrência, pelo telefone, por pessoa da família, cheguei muito cedo ainda, na manhã de 24, à sua residência, na Altona. As velhas árvores do parque, ensopadas pelo temporal da véspera, aliviavam-se da sobrecarga d'água, deixando cair pesadas gotas sobre o solo. Numa grande sala, a luz de quatro círios altos e tristes, dava maior relevo à serena expressão do lutador.

Fiquei alguns momentos a sós, contemplando a figura, agora impassível, daquele poderoso gerador de energias, daquela impetuosa torrente de tantos e tão notáveis empreendimentos, todos dirigidos no sentido do engrandecimento e riqueza desta região.

Mas, indagareis: **“QUEM ERA O CORONEL FEDDERSEN”**? O imigrante que ainda na flor dos anos, na casa de 18 ou 19 de idade, deixara sua terra natal o grã-ducado Dinamarquês de Schleswig-Holstein, mais tarde anexado à Alemanha, onde nasceu em 1857, para vir, como tantos outros, colaborar na prosperidade do Brasil, confiante na força do seu trabalho e nas esperanças da sua mocidade.

A princípio foi residir em São Paulo. Aí contraiu núpcias com D. Ella Gute, de cujo consórcio nasceu, em terras de Piratininga, a primeira filha, D. Elsa, esposa do industrial sr. Rudolfo Hoeschl, atual Juiz de Direito da primeira Vara de Florianópolis.

* **Fonte:** Revista “Vale do Itajaí”, 1948, ano IV, n. 43

Logo depois, transferiu-se para Blumenau, com a família. Aqui, foi morar temporariamente em uma colônia no Salto Weissbach. Mas o seu espírito realizador e progressista não se compadecia com a placidez da vida campestre. Assim, dentro em pouco deixava o meio rural e vinha para o centro, onde ingressou no comércio como sócio da firma Gustav Salinger & Cia. Homem de ação, dotado de vigorosa inteligência, impulsionava desde logo os negócios da firma e dilatava-lhe o âmbito de atividades, fundando várias indústrias, principalmente de laticínios e abrindo casas filiais no interior da Colônia, que realizavam a dupla função comercial de compra de produtos agrícolas e venda de artigos manufaturados, além de se constituírem em postos arrecadadores de gêneros coloniais, principalmente banha e manteiga, que encaminhavam à matriz para industrialização e exportação.

Ao mesmo tempo, o seu gênio afável e prestativo, alargava cada vez mais a rede de relações pessoais em toda a Colônia. Por outro lado, a família aumentava e ia se tornando numerosa com o nascimento de outros filhos. Mas, os seus esforços e vibrações do seu temperamento, não ficaram bloqueados no campo econômico. Esteve sempre na vanguarda de todos os movimentos de ordem social, política e administrativa que agitaram a nascente comuna blumenauense, que tinha nele o orientador seguro do seu destino e o maior operário do seu progresso.

Naturalizado brasileiro, elegeu o Brasil, terra de seus filhos, sua nova Pátria. Eleito Conselheiro, foi elevado à presidência da Câmara Municipal de Blumenau. Exerceu por várias legislaturas o mandato de deputado à Assembleia Estadual de Santa Catarina. Desempenhou, ainda, por largo período, o cargo de primeiro substituto do juiz de Direito da Comarca. Em todos esses postos de destaque deixou o relevo da sua operosidade, cultura, espírito público e amor ao Brasil.

Desenvolveu intensa atividade política, como chefe e coordenador das forças eleitorais mais ponderáveis desta região. Foi um baluarte da legalidade e da ordem. Espécie de termômetro político, desta zona, assinalou por muitos anos, com notável precisão, a temperatura das refregas partidárias da época.

Homem de negócios, dirigindo empresas de caráter nitidamente econômico, alçava, contudo, bem alto, a flama do ideal. Queimava-lhe a

paixão idealista. Tão profundo era o seu sentimento social, que parecia esquecer-se de si próprio, para melhor realizar o interesse da comunidade. Tinha o prazer de construir para todos, era um criador de bens coletivos. Não sabia se encerrar na concha das conveniências particulares. O que o preocupava e seduzia era o sentimento público das coisas.

Abelha mestra de uma colméia em formação, Feddersen a tudo procurava atender e prover para ver-lhe os favos carregados de mel. Assim, quando exigências administrativas determinavam o grau de acidez da manteiga destinada à exportação, em prejuízo do produto aqui fabricado, ou quando providências de ordem fiscal e tributária oneravam demasiado os charutos e cigarrilhas produzidos nesta zona, impedindo ou dificultando o desenvolvimento natural dessas indústrias, abalava ele para o Rio, a expensas próprias, para solicitar dos Poderes Públicos medidas capazes de evitar a ruína dessas atividades de repercussão na vida econômica da região. Certo, o impediam também os interesses da sua firma, grande produtora desses artigos, mas a verdade é que a sua intervenção beneficiava o sistema econômico de toda esta zona que assim continuava a crescer e prosperar.

Mas, não era apenas o aspecto econômico da questão. Afligia-o paralelamente, como muitas vezes o ouvi dizer, a situação difícil em que poderiam ficar da noite para o dia, algumas centenas de famílias que se dedicavam à indústria caseira de enrolar charutos e cigarrilhas.

Contou-me Rudolfo Kleine, amigo de Feddersen e seu companheiro na direção da Companhia Salinger, que em vista dos resultados negativos, apresentados nos últimos tempos pelo engenho de arroz da Companhia, sugeriu a Feddersen a venda ou paralisação deste. Feddersen concordou, mas com uma condição: a de serem os operários aproveitados em outras atividades da firma, para que não lhes faltasse o trabalho.

Ao seu corajoso dinamismo, devem Blumenau e os municípios vizinhos, os mais assinalados serviços. Da safra de empreendimentos do Cel. Feddersen, destacarei apenas dois, que são os maiores e os que mais largo crédito lhe abrem na conta garantida pela gratidão do povo: a fundação da Empresa Força e Luz Santa Catarina e a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina.

Não é preciso ressaltar a importância da energia elétrica e do trem de ferro no surpreendente e acelerado desenvolvimento do vale do Itajaí,

operando simultaneamente na propulsão das suas forças produtoras e na ordenação de seus elementos de economia.

Marcos Konder, meu distinto amigo e conterrâneo, publicou no mês de Julho de 1946, brilhante artigo no “O Jornal”, do Rio, no qual lançou a idéia de se erigir no bairro de Altona, um monumento em honra do Cel. Feddersen. Por iniciativa do Vereador Hercílio Deeke, aprovou a Câmara Municipal de Blumenau um projeto de resolução, já convertido em lei, mandando reservar o terreno necessário à ereção do monumento. Dois belos gestos que merecem ser realçados, pelo seu sentimento de justiça àquele grande vulto da nossa vida municipal.

É, porém, imperativo, se associe também o interior, igualmente usufrutuário das suas iniciativas de caráter econômico, político, social e administrativo, a essas esplêndidas demonstrações de gratidão coletiva. Assim, daqui dirijo um apelo à Empresa Força e Luz Santa Catarina no sentido de dar à sua nova e poderosa usina do Alto Cedro, ainda em construção, o nome de “Usina Coronel Feddersen”.

Ao fim de uma longa e afanosa vida de trabalhos e de lutas, teve Feddersen de enfrentar a adversidade dos seus negócios comerciais. Desandou-lhe a roda da fortuna, mas que importa? Os homens mais úteis à coletividade e à Pátria não são os que maiores riquezas conseguem acumular, mas os que maiores somas de serviços lhes prestam. E neste particular, os cruzeiros de Feddersen tinham a garantir-lhes o livre curso, o lastro ouro dos seus empreendimentos e iniciativas no terreno do bem público.

Mauá, que personificou no seu tempo, o maior poder econômico e financeiro deste país morreu pobre, mas a História já lhe fez merecida justiça, registrando seu nome entre os dos maiores brasileiros de todos os tempos. Parece até que a pobreza, longe de obscurecer o mérito dos homens ilustres, mais o eleva e amplia projetando-o luminosamente no julgamento da posteridade.

Ao completar o Coronel Feddersen os seus 86 anos de idade, fui cumprimentá-lo em sua residência. Aí, na sua sala de trabalho, recordou para mim e para Francisco Weber, gerente do Banco Nacional do Comércio, fatos ligados à vida de Blumenau de outrora. Quando lhe perguntei se já há muito tempo não ia à cidade, respondeu afirmativamente. Disse, então, ao fundador da moderna Blumenau e consolidador do seu progresso, que

embarcasse num auto e fosse ver como trepida de vida e beleza a cidade que foi uma permanente expressão da sua gloriosa existência.



Homem de admirável constituição física, já ao peso dos 80 anos, fazia ainda longas viagens de automóvel para a firma de fruteira, no município de Rio do Sul, onde às vezes chegava à noite. E quando os seus companheiros de viagem imaginavam que a primeira coisa que iria reclamar era uma boa cama para repousar, ficavam passados ao vê-lo perguntar, logo que descia do auto, se não havia parceiros para uma partida de Skat.

Como peça complementar da sua indumentária comum, usava o coronel Feddersen constantemente à cabeça o seu indefectível boné de pala e copa branca, o que lhe dava a aparência de autêntico capitão de navio.

Assim, ao desconhecido que com ele deparasse nas suas constantes idas e vindas entre a casa de moradia e a de seu negócio, a impressão que ficava era a de que alguma galera de alto mar afundara na água doce do Itajaí.

Eis aí, nestas breves notas, sem veleidades biográficas, algumas passagens da vida e da obra de Pedro Christiano Feddersen, o velho lidador que idealizou e estruturou, a golpes de fecundas realizações, o futuro econômico deste formoso Vale do Itajaí, obra que representa a melhor contribuição do seu trabalho e do seu entusiasmo por Santa Catarina e pelo Brasil, a quem dedicadamente serviu durante cerca de setenta anos, com todas as forças da sua alma e todas as ternuras do seu coração.

**Combate ao
Gafanhoto em
Santa Catarina**



Com o tema "Combate ao Gafanhoto em Santa Catarina" trazemos à tona um assunto que afligia os agricultores no final dos anos 40. A praga, que se alastrou por todo o estado, exigiu do Governo medidas imediatas para sanar o problema que vinha causando prejuízos à lavoura.

1946 – Neste ano a praga de gafanhotos, atingiu apenas três municípios do estado de Santa Catarina. Com o combate que lhe foi movido, retornaram à Argentina.

1947 – Densas nuvens provindas do Sul, invadiram municípios catarinenses de Chapecó até Jaguaruna e não deixaram incólume Florianópolis. Culturas de todas as variedades foram atacadas pelas visitas dos indesejáveis aerídeos. O combate tomou características ásperas e contribuiu, consideravelmente, para escassez dos gêneros de primeira necessidade, pois, o gafanhoto é grande apreciador das culturas de feijão, milho, fumo, trigo, alfafa, mandioca, etc. Consecutivamente, com o ataque dos aerídeos, elevou-se o nível da vida pela carestia dos gêneros alimentícios mais procurados. E o lavrador foi atacado em cheio pelas dificuldades.

**O Ministério da Agricultura e o
Governo de Santa Catarina**

Compreendendo a vastidão do problema, para solucionar, o Ministério da Agricultura, designou o agrônomo fitossanitarista Armando David Ferreira Lima, um dos seus capacitados técnicos, para chefiar a campanha contra o gafanhoto.

Chegado ao Estado, com a tarimba de serviços contra pragas, o referido técnico começou a organizar plano em conjunto com os serviços estaduais e federais no Estado.

* FONTE: Revista Vale do Itajaí, ano IV, 1948, n. 35-36.

Secretaria da viação obras públicas e agricultura

O titular da Secretaria de Viação, Obras Públicas e Agricultura, emprestou todo o apoio ao serviço de combate ao gafanhoto, removendo os obstáculos ao seu alcance e empregando meios para facilitar a missão da chefia do mencionado serviço.

O Doutor Leoberto Leal, foi indubitavelmente incansável e atendeu sempre prontamente às necessidades do combate aos temíveis aerídeos.

A região do médio Itajaí-Açu

Atingidos os municípios de Indaial, Timbó e Rodeio pelas nuvens de gafanhotos, foram portanto, pontos de postura. E neles constatou-se via de regra três posturas. Mas, uma vez feito o levantamento das posturas, o agrônomo chefe do serviço em Santa Catarina organizou o plano de combate aos saltões, com a finalidade de extingui-los de vez. E não teve o referido técnico outro resultado, porque hoje os municípios citados estão livres da praga.

1948 – A campanha continua. Quando a nossa reportagem ouvia a palavra fácil e simpática do agrônomo fitossanitarista Armando David Ferreira Lima, que encontrava-se acompanhado do agrônomo Chefe do Serviço de Defesa Sanitária Vegetal, procedia ele de inspeção aos Municípios do Vale do Itajaí, disse-nos que, embora a vitória contra os saltões fosse fato consumado, a campanha prosseguia, estando em estado de vigilância a chefia da região da zona do médio Itajaí-Açu na direção do Agrônomo Theobaldo Costa Jamundá, e demais chefes de zonas.

O governo do estado e prefeitos municipais

Perguntamos ao agrônomo A. D. Ferreira Lima, qual a impressão que tinha da cooperação dos poderes com o seu serviço de combate ao gafanhoto que chefiava.

Respondeu: “O Governo do Estado de Santa Catarina e os Prefeitos Municipais têm cooperado eficientemente para extinção do gafanhoto na terra barrega verde. O Ministério da Agricultura em Santa Catarina, sempre encontrou facilidades nos poderes oficiais do Estado e eu na qualidade de catarinense sou grato a este ambiente de alta cooperação, e só por ele somos vitoriosos contra o gafanhoto”.

Blumenau rumo aos 150 Anos de Fundação

Lista de Moradores da Colônia Blumenau - 1869 (Parte 2)

TEXTO:

**HERMANN
BLUMENAU***



A Revista “Blumenau em Cadernos” ao editar a “Estatística Nominal dos Habitantes” da Colônia Blumenau se propôs a instrumentalizar os seus leitores e estudiosos com subsídios genealógicos, a respeito dos imigrantes que escolheram o Vale do Itajaí para se estabelecer e construir sua vida no Novo Mundo.

Para esclarecimento dos pesquisadores e interessados, informamos que a administração da Colônia, ao elaborar as nominatas, procurou classificar os moradores de acordo com o número de pessoas, idade, sexo e credo religioso, conforme a ocupação dos imigrantes nos lotes distritais. Dessa maneira, torna-se possível trazer à atualidade as denominações de localidades, permitindo identificar as alterações verificadas ao longo do tempo.

Os nomes que constam desta listagem foram transcritos literalmente, de acordo com o documento original, portanto, alguns deles aparecem grafados em língua portuguesa, alterando-se, conforme a subjetividade do próprio autor, o nome oficial dos indivíduos.

* Documento original registrado sob número PO2.34 – 341, Acervo Blumenau Colônia – Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”.

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01 a 10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
131.	Frederico Giehl	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
132.	Claus Harbs	02	01	02	-	01	-	02	01	01	02
133.	Fernando Popplow	05	01	02	01	03	-	02	04	-	06
134.	Carlos Pahl	02	02	02	01	01	-	02	02	-	04
135.	Carlos Abraham	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
136.	Frederico Bunde	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
137.	Augusto Hass	04	02	02	02	02	-	02	04	-	06
138.	Carlos Neumoeck	01	04	02	-	03	-	02	03	-	05
139.	Carlos Buchholz	03	02	02	01	02	-	02	03	-	05
140.	Ernesto Liermann	05	02	02	03	02	-	02	05	-	07
141.	Carlos Krüger	03	02	02	-	02	01	02	03	-	05
142.	Julio Groening	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
143.	Guilharme Strey	04	01	02	02	01	-	02	03	-	05
144.	Christovão Teske	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
145.	Augusto Teske	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
146.	Augusto Schwarzrock	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
147.	Theophilo Graupner	04	03	03	02	02	-	02	05	-	07
148.	Guilherme Otte	04	03	03	02	02	-	02	05	-	07
149.	Fernando Roedel	02	04	02	-	04	-	02	04	-	06
150.	Guilherme Wagner	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
151.	João Gottweis	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
152.	Carlos Reblin	04	02	02	03	01	-	02	04	-	06
153.	João Prestien	03	02	04	01	-	-	02	03	-	05
154.	Augusto Stahnke	03	02	02	01	02	-	02	03	-	05
155.	Carlos Marx	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01

156.	João Piske	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
157.	Philippe Grassmann	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
TOTAL		396	377	352	166	228	27	280	493	117	656
VIII Distrito do Itajaí, margem esquerda											
01.	Mathias Franz	02	03	02	-	03	-	02	03	05	-
02.	Carlos Müller	04	02	02	-	04	-	02	04	-	06
03.	Christovão Liesenberg	04	02	02	-	04	-	02	04	-	06
04.	Paulo Herbst	05	02	02	-	04	01	02	05	-	07
05.	Ernesto Scheidemantel	04	03	02	-	05	-	02	05	-	07
06.	Henrique Ladchoft	03	04	02	-	04	01	02	05	-	07
07.	Carlos Flemming	03	02	04	-	01	-	02	03	-	05
08.	Carlos Dahlke	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
09.	Augusto Kerssen	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
10.	Carlos Voigtlaender	02	04	02	-	04	-	02	04	-	06
11.	Benno Baraski	02	05	02	-	04	01	02	05	-	07
12.	Carlos Eggebrecht	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
13.	Frederico Wittke	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
14.	Ernesto Kröer	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
15.	João Lucht	02	03	01	-	04	-	02	03	-	05
16.	Guilherme Seeliger	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
17.	Christiano Becke	08	01	03	01	05	-	02	07	-	09
18.	Erdmann Kaestner	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
19.	Adolpho Marx	05	04	02	-	07	01	02	08	-	10
20.	Henrique Sperber	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
21.	Guilherme Becke	03	04	02	04	01	-	02	05	-	07

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01 a 10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
22.	Luiz Rischbieter	03	04	02	01	04	-	02	05	-	07
23.	Domasius Anlauff	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
24.	Luiz Wagner	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
25.	Christiano Schoenfelder	04	03	02	-	04	01	02	05	-	07
26.	Antonio Hertel	05	02	02	-	04	01	02	05	-	07
27.	Frederico Kegler	04	04	02	-	05	01	02	06	-	08
28.	Carlos Kluge	02	04	02	01	03	-	02	04	-	06
29.	Guilherme Meyer	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
30.	Fernando Starke	05	03	02	02	04	-	02	06	-	08
31.	Henrique Lüders	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
32.	Julio Scheidemantel	01	02	03	-	-	-	02	01	-	03
33.	André Hoffmann	02	03	03	02	-	-	02	03	-	05
34.	Antonio da Costa	03	04	02	-	05	-	02	05	07	-
35.	Carlos Koenig	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
36.	Augusto Sohn	03	04	02	02	03	-	02	05	-	07
37.	Carlos Weiske	03	03	04	-	02	-	02	04	-	06
38.	Carlos Lessig	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
39.	Theophilo Pofahl	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
40.	Carlos Busch	03	06	02	04	03	-	02	07	-	09
41.	Roberto Rothbart	04	01	02	02	01	-	02	03	-	05
42.	Rodolfo Kellermann	06	05	07	-	04	-	04	07	-	11
43.	Roberto Vogel	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
44.	Henrique Prusse	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
45.	Carlos Baumgarten	02	04	02	01	02	01	02	04	-	06

46.	Augusto Duwe	03	02	02	-	02	01	02	03	-	05
47.	Guilherme Duwe	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
48.	André Theilacker	03	04	02	-	04	01	02	05	-	07
49.	Carlos Schwarz	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
50.	Augusto Westphal	03	02	02	02	01	-	02	03	-	05
51.	Fernando Kiel	01	02	03	-	-	-	02	01	-	03
52.	Christiano Kopsch	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
53.	Guilherme Priesser	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
54.	Carlos Kopsch	05	03	02	-	05	01	02	06	-	08
55.	Ernesto Kopsch	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
56.	Margaretha Priesser	01	03	01	-	03	-	-	04	01	03
57.	Frederico Maas	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
58.	Guilherme Maas	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
59.	Christiano Belm	05	05	06	-	04	-	04	06	-	10
60.	Carlos Knoppe	03	05	02	02	04	-	02	06	-	08
61.	Carlos Jacobsen	04	03	02	-	04	01	02	05	-	07
62.	Guilherme Scheeffe	08	03	07	-	04	-	02	09	-	11
63.	Luiz Thieme	03	02	02	02	01	-	02	03	-	05
64.	Francisco Faust	02	02	01	02	01	-	01	03	-	04
65.	Carlos Maas	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
66.	Jacyntho Correa	06	03	02	05	02	-	02	07	-	09
67.	Fernando Schuhmacher	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
68.	Carlos Radtke	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
69.	Henrique Pasold	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
70.	Frederico Mische	04	03	05	02	-	-	02	05	-	07
71.	Luiz Schneider	01	02	02	-	01	-	02	01	03	-

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01 a 10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
72.	João Schneider	04	03	02	04	01	-	02	05	07	-
73.	Jozé Pereira	01	02	02	01	-	-	02	01	03	-
74.	Manoel Carvalho	01	02	02	01	-	-	02	01	03	-
75.	Antº João da Costa	05	01	02	03	-	01	02	04	06	-
76.	Jozé Antº dos Santos	02	01	02	-	01	-	02	01	03	-
77.	João Antº dos Santos	03	03	02	04	-	-	02	04	06	-
78.	Martinho dos Santos	03	04	02	01	04	-	02	05	07	-
79.	dº Oliveira Ramos	07	07	03	05	03	03	02	12	14	-
80.	Francisco de Souza	01	02	02	-	-	01	02	01	03	-
81.	Antonio Machado	03	03	06	-	-	-	02	04	06	-
82.	Rosa de Jesus	04	02	02	04	-	-	02	04	06	-
83.	Manoel dos Santos	01	02	02	01	-	-	02	01	03	-
84.	Machado de Marcial (sic)	03	04	03	04	-	-	02	05	07	-
85.	João dos Santos	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
86.	Pedro Machado	02	-	02	-	-	-	-	02	02	-
87.	Nicoletto Vieira	01	02	02	-	01	-	02	01	03	-
88.	Joaquim Simon	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
89.	Mathias Knopf	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
90.	João Nering	03	04	03	02	02	-	02	05	07	-
91.	José da Silva	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
92.	Antº Jozé da Silva	04	04	02	02	04	-	02	06	08	-
93.	Jozé Rodrigues	07	05	03	06	03	-	02	10	12	-
94.	Fran.º Vieira de Ramos	02	01	02	-	-	01	02	01	03	-
95.	João Fran.º da Silva	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-

96.	Jozé Marcellino da Silva	03	04	02	02	03	-	02	05	07	-
97.	Manoel Jacyntho Raimundo	02	03	02	02	01	-	02	03	05	-
98.	Nicolau Dieterle	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
99.	Emilia Seiffert	-	01	01	-	-	-	-	01	01	-
100.	Frederico Seiffert	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
101.	Cornelio Goessfrich	03	04	02	04	01	-	02	05	07	-
102.	Henrique de Nascimento	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
103.	Rosa da Conceição	01	02	02	-	-	01	02	01	03	-
104.	Joaquim da Silva	03	02	02	-	01	02	02	03	05	-
105.	Jozé da Silva	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
106.	Joaquim da Silva	01	02	02	-	-	01	02	01	03	-
107.	Jozé Joaquim da Silva	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
108.	Antônio de Ração	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
109.	Carlos Schubert	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
110.	Carlos Padratz	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
111.	Guilherme Krüger	01	-	01	-	-	-	01	-	-	01
112.	Bernardo Hasse	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
113.	Christovão Bachmann	04	06	02	03	04	01	02	08	-	10
114.	Guilherme Meffert	03	02	02	-	03	-	02	03	05	-
115.	Vicente Schnitzler	03	02	03	02	-	-	02	03	05	-
116.	Jozé Doerner	01	06	02	-	05	-	02	05	-	07
117.	João Kluge	04	02	05	01	-	-	02	04	06	-

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
	Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
118.	Valentino Link	03	01	02	02	-	-	02	02	04	-
119.	Francisco Rûth	02	01	03	-	-	-	02	01	03	-
120.	Jorge Fries	01	03	02	-	02	-	02	02	04	-
121.	Guilherme Blese	03	03	02	02	02	-	02	04	-	06
122.	Fernando Braatz	04	03	04	03	-	-	04	03	-	07
123.	Pedro Tillmann	04	04	02	04	01	01	02	06	08	-
124.	João Jung	02	05	04	-	03	-	02	05	-	07
125.	Henrique Alpen	03	02	03	-	02	-	02	03	-	05
126.	Ernesto Mathias	02	03	03	02	-	-	02	03	-	05
127.	Miguel Schmidt	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
128.	Oswaldo Rûth	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
129.	Jozé Simon	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
130.	Patricio Correa de Negreros	05	03	03	02	03	-	02	06	08	-
131.	Marcelino Henrique de Nascimento	03	04	02	03	02	-	02	05	07	-
132.	Pedro Jozé de Alcantara	04	02	02	-	03	01	02	04	06	-
TOTAL		346	329	297	111	240	27	246	429	240	435
IX Distrito do rio do Testo, margem direita											
01.	Henrique Kremer	03	03	02	02	02	-	02	04	06	-
02.	Carlos Schubert	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
03.	Bernardo Hesse	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
04.	Christiano Reif	03	02	02	02	01	-	02	03	-	05

05.	Fernando Bennertz	03	02	03	02	-	-	02	03	-	05
06.	Carlos Georg	04	03	02	-	05	-	02	05	-	07
07.	Christiano Kühl	02	02	04	-	-	-	04	-	-	04
08.	Lourenzo Brühmüller	02	01	02	-	01	-	02	01	03	-
09.	Carlos Jansen	03	02	02	03	-	-	02	03	-	05
10.	Frederico Kuhlmann	03	04	03	03	01	-	02	05	-	07
11.	João Voigt	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
12.	João Harbs	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
13.	João Laars	01	03	03	01	-	-	02	02	-	04
14.	Carlos Uissler	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
15.	Luiz Bietefeld -Kettelsen	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
16.	João Schoeninger	02	02	02	02	-	-	02	02	04	-
17.	João Schalter	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
18.	Carlos Geier	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
19.	João Naumann	02	03	02	03	-	-	02	03	-	05
20.	João Krepski	01	03	01	03	-	-	02	02	-	04
21.	Henrique Weise	02	04	04	02	-	-	02	04	-	06
22.	Carlos Bruch	04	04	03	04	01	-	02	06	-	08
23.	João Karsten	04	04	04	03	01	-	02	06	-	08
24.	Henrique Wulferssieg	01	05	02	04	-	-	02	04	-	06
25.	Frederico Rathgen	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
26.	Hilario Gierens	01	02	02	01	-	-	02	01	03	-
27.	Carlos Schmitz	03	02	02	03	-	-	02	03	-	05

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
	Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
28.	Francisco Schütz	01	03	03	01	-	-	02	02	04	-
29.	Frederico Richter	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
30.	Carlos Burghardt	02	03	02	03	-	-	02	03	05	-
31.	Mathias Kienen	01	02	02	-	01	-	02	01	03	-
32.	Carlos Michels	04	01	03	02	-	-	02	03	05	-
33.	Fernando Lübke	02	05	02	01	04	-	02	05	-	07
34.	Carlos Wege	02	06	03	04	01	-	02	06	-	08
35.	Eduardo Hafemann	03	03	02	04	-	-	02	04	-	06
36.	Carlos Kressien	01	02	01	02	-	-	02	01	-	03
37.	Paulo Hackbart	01	-	-	-	01	-	-	01	-	01
38.	Pedro Büttgen	03	02	02	03	-	-	02	03	-	05
39.	Henrique Engel	03	02	02	03	-	-	02	03	-	05
40.	Miguel Wirth	04	02	02	03	01	-	02	04	06	-
41.	Engelberto Brühmüller	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
42.	Fernando Hackbart	05	07	03	02	06	01	02	10	-	12
43.	Carlos Koch	04	05	03	-	05	01	02	07	-	09
44.	Carlos Fischer	05	01	02	-	04	-	02	04	-	06
45.	Guilherme Kock	04	03	02	01	04	-	02	05	-	07
46.	João Kroeger	03	03	02	01	03	-	02	04	-	06
47.	Carlos Rux	03	03	02	01	03	-	02	04	-	06
48.	Carlos Borchardt	04	04	02	01	05	-	02	06	-	08
49.	Hermano Marquardt	04	04	02	-	06	-	02	06	-	08
50.	Fernando Hoess	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
51.	Guilherme Lümke	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
52.	Francisco Rux	03	02	02	02	01	-	02	03	-	04

53.	Luiz Freichel	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
54.	Carlos Pumpluhn	01	04	02	02	01	-	02	03	-	05
55.	Carlos Draeger	01	04	02	03	-	-	02	03	-	05
56.	Carlos Wachholz	03	03	02	04	-	-	02	04	-	06
57.	Christiano Karsten	02	05	04	02	01	-	02	05	-	07
58.	Jorge Siewers	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
59.	Guilherme Volkmann	03	06	02	06	01	-	02	07	-	09
60.	Frederico Hass	06	02	02	05	01	-	02	06	-	08
61.	Henrique Wehrweisser	02	03	03	-	02	-	02	03	-	05
62.	Carlos Mallü	03	05	02	-	06	-	02	06	-	08
63.	Bernardo Heerdt	04	01	02	-	03	-	02	03	05	-
64.	Guilherme Thiess	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
65.	Jozé Mecheln	01	03	02	02	-	-	02	02	-	04
66.	Hermano Thiess	03	05	02	01	04	01	02	06	08	-
67.	Martim Hemkemeyer	04	03	02	-	04	01	02	05	07	-
68.	Hermano Enkerodt	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
69.	Geraldo Nonnendorf	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
70.	Henrique Haberoth	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
71.	Francisco Beilker	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
72.	Geraldo Meiring	03	03	03	-	03	-	02	04	06	-
73.	Frederico Wege	03	03	02	01	03	-	02	04	-	06
74.	Fernando Wendorf	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
75.	Fernando Fischer	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
76.	Guilherme Mohr	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
77.	Carlos Selke	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
78.	Hermano Konell	01	02	03	-	-	-	02	01	-	03
79.	Augusto Konell	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
80.	Theophilo Dallmann	03	04	03	02	02	-	02	05	-	07
81.	Luiz Dallmann	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
82.	João Izaschel	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
83.	Carlos Geisler	02	-	01	-	01	-	-	02	-	02
84.	Hermano Behling	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
85.	Ernesto Schwarz	01	03	02	02	-	-	02	02	-	04
86.	Carlos Utech	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
87.	Frederico Voehse	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
88.	João Kiekhoefel	03	02	02	-	02	01	02	03	-	05
89.	Nicolau Prickheimer	01	02	02	-	-	01	02	01	03	-
90.	Guilherme Krahn	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
91.	Guilherme Borchardt	02	04	02	01	03	-	02	04	-	06
92.	Henrique Krüger	04	02	02	-	04	-	02	04	-	06
93.	Alberto Wachholz	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
94.	Carlos Ramlow	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
95.	Carlos Hornburg	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
96.	Guilherme Prah	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
97.	Frederico Schade	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
98.	Alberto Krüger	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
99.	Guilherme Trettin	03	05	03	-	04	01	02	06	-	08
100.	Guilherme Ziemer	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
101.	Guilherme Peter	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
102.	Carlos Ziesemer	04	03	02	01	04	-	02	05	-	07

103.	Carlos Doege	02	03	03	-	02	-	02	03	-	05
104.	Fernando Malon	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
105.	Augusto Lach	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
106.	Henrique Hoppe	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
107.	Godofredo Kray	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04
108.	Carlos Lemke	02	02	04	-	-	-	02	02	-	04
109.	Augusto Giese	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
110.	Carlos Ziebell	02	02	03	-	-	01	02	02	-	04
111.	viúva Koch	01	02	01	02	-	-	-	03	-	03
112.	Guilherme Rusch	03	02	02	01	02	-	02	03	-	05
113.	Carlos Krüger	03	02	02	03	-	-	02	03	-	05
114.	Hermano Ziemer	03	03	02	01	03	-	02	04	-	06
TOTAL		260	269	250	116	153	10	220	309	72	457
X Distrito do rio do Texto, margem esquerda											
01.	Claudio Harbs	06	03	03	04	02	-	02	07	-	09
02.	Pedro Kienen	02	04	03	03	-	-	02	04	06	-
03.	Pedro Michel	04	02	03	02	01	-	02	04	06	-
04.	Henrique Hoffmann	02	05	02	04	01	-	02	05	07	-
05.	Jayme Koser	03	03	02	03	-	01	02	04	06	-
06.	Phelippe Hausmann	03	04	03	01	03	-	02	05	-	07
07.	João Riedinger	02	01	02	-	01	-	02	01	03	-
08.	André Koser	01	04	02	-	03	-	02	03	05	-
09.	Daniel Kretz	03	05	04	03	-	01	02	06	08	-
10.	Alberto Kremer	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
	Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos	Evangélicos
11.	Frederico Karsten	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04
12.	Anna Mueller	01	01	02	-	-	-	-	02	-	02
13.	Christiano Witthoeft	03	03	02	-	04	-	02	04	-	06
14.	Theophilo Timm	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
15.	Agostinho Bader	02	02	02	02	-	-	02	02	04	-
16.	Valentino Nuss	03	02	02	-	03	-	02	03	05	-
17.	João Oltmann	01	02	03	-	-	-	02	01	-	03
18.	Catharina Severin viúva	01	02	02	01	-	-	-	03	-	03
19.	Detler Westphalen	04	02	05	01	-	-	02	04	-	06
20.	Detler Krambeck	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
21.	Henrique Buhr	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
22.	Jorge Foertig	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
23.	Frederico Baer	02	03	02	03	-	-	02	03	-	05
24.	Hermano Bruhns	04	02	06	-	-	-	02	04	-	06
25.	Carlos Zwang	02	05	02	-	04	01	02	05	07	-
26.	João Philipps	02	04	05	01	-	-	02	04	06	-
27.	João Hossert	03	02	02	-	03	-	02	03	05	-
28.	Christiana Loeden viúva	03	03	01	02	03	-	-	06	-	06
29.	Pedro Hartmann	01	02	02	01	-	-	02	01	-	03
30.	Pedro Kühne	02	01	02	-	01	-	02	01	03	-
31.	Alberto Jansen	01	06	02	03	07	-	02	10	-	12
32.	Frederico Karsten	03	04	03	01	03	-	02	05	-	07
33.	Henrique Rüdiger	01	04	02	-	03	-	02	03	-	05
34.	Frederico Hafenstein	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05

35.	Maria Krüger	02	03	01	04	-	-	-	05	-	05
36.	Augusto Wachtel	04	03	02	-	05	-	02	05	-	07
37.	Godofredo Steinert	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
38.	Ernesto Wegner	03	04	02	03	02	-	02	05	-	07
39.	João Steinert	03	01	02	01	-	01	02	02	-	04
40.	Frederico Hartmann	03	03	03	03	-	-	02	04	-	06
41.	Henrique Kühl	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
42.	João Ewald	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
43.	João Oltmann	03	02	02	01	02	-	02	03	-	05
44.	Deodado Enke	02	03	02	-	02	01	02	03	-	05
45.	Julio Lach	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
46.	Augusto Krüger	05	02	04	03	-	-	02	05	-	07
47.	Carlos Arndt	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
48.	Carlos Glatz	04	03	02	-	05	-	02	05	-	07
49.	Augusto Volkmann	05	03	02	04	02	-	02	06	-	08
50.	Frederico Lach	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
51.	Augusto Berner	01	05	03	-	03	-	02	04	-	06
52.	Carlos Sievers	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
53.	Deodado Mandel	03	03	03	-	03	-	02	04	06	-
54.	Carlos Fust	03	02	02	01	02	-	02	03	-	05
55.	Deodado Theiss	02	01	02	-	01	-	02	01	03	-
56.	Guilherme Bauler	02	01	02	-	01	-	02	01	03	-
57.	Carlos Güths	03	01	02	-	-	02	02	02	-	04
58.	Frederico Hoge	01	04	02	-	03	-	02	03	-	05
59.	João Mass	03	02	04	-	01	-	02	03	-	05
60.	Frederico Reincke	02	04	02	01	03	-	02	04	-	06

Continua no próximo número

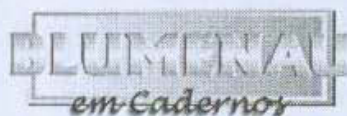
Artigos

Histórico do Curso de Medicina da FURB

TEXTO:

LOURIVAL
HARI HÜBNER
SAADE*

WALMOR ERWIN
BELZ**



A idéia de instituir um Curso de Medicina na FURB, remonta a 1967. O decreto nº. 798 de 20/12/1967, assinado pelo Prefeito Municipal, Dr. Carlos Curt Zadrozny, assessorado pelo Dr. Gelásio de Freitas, nomeou-os, na qualidade de presidente do Conselho Curador da Fundação Hospitalar de Blumenau, como representante do Hospital Santo Antônio junto ao Conselho Curador da Fundação Universitária de Blumenau (FURB). A referida Fundação incluía o Hospital Santo Antônio e a Escola de Auxiliares de Enfermagem (uma criação do abnegado Dr. Afonso Balsini, organizada e dirigida pelas Irmãs Franciscanas de São José e em particular pelas Irmãs Maria José, Maria Ligória Prim e Maria Elza Gottfried – Fidelis). Do Conselho Curador faziam parte o Dr. Afonso Rabe, o Sr. Alfredo Iten, entre outros. No Decreto nº. 947 de 31/12/1968, assinado pelo mesmo Prefeito Municipal, o professor Milton Pompeu da Costa Ribeiro foi nomeado Vice-Reitor Administrativo da já então Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). No decreto nº. 950, na mesma data e pelo referido Prefeito foi nomeado o Dr. Guilherme Gemballa (Bioquímico de Rio do Sul e grande entusiasta da FURB e do seu Curso de Medicina) para exercer o cargo de Diretor do Centro Bio-Médico da FURB. Tais decretos visavam propiciar à FURB, o ambicionado Curso de Medicina.

Na época, amplos debates se realizaram na Associação Médica de Blumenau, a qual, na gestão do Dr. Cesar Zillig realizou um plebiscito entre os médicos associados, havendo a maioria votado contra a implantação do Curso de Medicina.

Também se mobilizaram a comunidade e a imprensa local. Foram trazidos da Universidade de São Paulo os notáveis cientistas professores Dr. Eduardo Marcondes, Isaías Raw (que lecionou no MIT de Massa-

* LORIVAL HARI HÜBNER SAADE - Professor Titular de Medicina Legal dos cursos de Medicina e Direito, Vice-Reitor da FURB (1970-74/1990-94).

** WALMOR ERWIN BELZ - Professor Titular da Disciplina de Clínica Cirúrgica I do Curso de Medicina.

chussets, em Harward, na Universidade de Nova York, além de membro da UNESCO) e Marcelo Marcondes. Realizou-se com a presença dos professores acima mencionados, do Sr. Prefeito Municipal e de pessoas interessadas na instalação do Curso de Medicina, uma reunião na Escola Estadual Julia Lopes de Almeida, no Bairro Ponta Aguda, para discussão do assunto. Também reuniram-se na Biblioteca Pública a Associação Médica e o Prefeito Dr. Carlos Curt Zadrozny, ocasião em que foram debatidas a forma de financiamento do Curso, sendo apontados prós e contras. O Prefeito, Dr. Carlos Curt Zadrozny cedeu o Hospital Santo Antônio à FURB, para que ali se instalasse o “Hospital Universitário” e uma placa foi colocada para marcar a nova denominação do antigo Santo Antônio.

Também aqui esteve o pesquisador da Doença de Chagas, Professor H. Koeberle da Universidade de Ribeirão Preto, quando, na residência do Dr. Walmor Belz, com nossa presença e dos médicos Dr. Jaison Barreto, Dr. Roberto Buechele, fizemos nossas ponderações e opinamos favoravelmente à implantação do Curso de Medicina na FURB.

Em 1968, por determinação do então Reitor Dr. Martinho Cardoso da Veiga, assessorado pelo Diretor de Estudos Fundamentais, Professor Rivadávia Wollstein, seguiram para a Universidade de Campinas o Dr. Guilherme Gemballa (Diretor do Centro Bio-Médico), Dr. Walmor Belz e os Professores Milton Pompeu da Costa Ribeiro (Vice-Reitor da FURB) e nossa pessoa. Recebidos pelo Reitor Professor Zeferino Vaz, que fundara a Escola de Medicina de Ribeirão Preto e que estava organizando a UNICAMP, fizemos uma visita em sua companhia às instalações do novo campus daquela Universidade, hoje transformada em modelo nacional. Colhidos os subsídios, retornamos a Blumenau e decidimos agilizar a idéia do Curso de Medicina. O Dr. Walmor Belz esteve na Universidade de Campos (Estado do Rio) também procurando subsídios ao nosso curso de Medicina.

O Prefeito, Dr. Carlos Curt Zadrozny, o Ex-Deputado Federal e Ex-Senador, Dr. Jaison Barreto (na época Presidente da Associação Médica de Blumenau), O Dr. Guilherme Gemballa e nossa pessoa, seguimos para a Capital de São Paulo, onde fomos recebidos pelo Governador do Estado, Dr. Abreu Sodré, o qual abriu as portas do Curso de Medicina da Universidade de São Paulo para que lá fossem estagiar médicos de Blumenau, durante um ano, a fim de adquirirem os conhecimentos necessários para o magistério. Seguiram os indicados para as cadeiras básicas: Victor Garcia, Dr. Carlos Hartmann, Dr. Julio Cesar Luz e Dra. Anna Cechet, os quais cumpriram aquele período e retornaram.

O empresariado, a comunidade e a classe médica se engajaram no processo. O dinâmico Pastor Evangélico Luterano de Pomerode, Edgar Liesenberg fez contatos com entidades da Alemanha. Em sua companhia visitamos o Cônsul da Alemanha em Curitiba, Sr. Zimmerman pleitando sua intermediação. Todavia,

lamentavelmente, fatores adversos e incompreensões impediram a criação do Curso de Medicina na FURB naquela oportunidade.

Em 04 de junho de 1970, com a ascensão do Padre Orlando Maria Murphy à Reitoria da FURB, fomos nomeados pelo Decreto nº. 30, na gestão do então Prefeito, Sr. Evilásio Vieira, Vice-Reitor da FURB, com a função precípua de implantar o Curso de Medicina. Entretanto, uma vez mais fomos impedidos, por determinação do então Ministro da Educação, General Nei Braga, que estabeleceu que não poderiam ser criados novos cursos de Medicina no país por período indeterminado. Neste período o Hospital Santo Antônio voltou às origens com a retirada do administrador, representante da Universidade do Hospital. Coube ao Prefeito Félix Theiss e ao Presidente da Fundação Hospitalar, Dr. Maurici Nascimento, o trabalho de tentar viabilizar a continuidade dos serviços daquela casa de saúde.

O estudo de implantação do Curso de Medicina permitiu amplo debate sobre que Curso se queria e quais as formas de implantá-lo, tendo em vista as recomendações e normas de criação e funcionamento de Escolas Médicas hoje vigentes em nível mundial (Conferência de Edimburgo) e nacional (UNEM). Os objetivos consistiam na criação de um “Curso Novo” e não apenas renovado. A formação do “Médico Generalista” passa pelo compromisso social assumido na criação e implantação do curso.

Em 07 de fevereiro de 1986, durante a gestão do Reitor Prof. Arlindo Bernard, o então Ministro da Educação, Marco Maciel, veio a Blumenau especialmente para proceder à Instalação solene da Fundação Universidade regional de Blumenau, oportunidade em que também inaugurou o novo prédio da Biblioteca “Martinho Cardoso da Veiga”, belíssimo edifício orientado pelo Ministério da Educação, na pessoa do arquiteto Cláudio Mosqueira e com projeto e desenvolvimento do arquiteto de nossa Universidade, Prof. Stênio Ubirajara Calsado Vieira. Tais grandes acontecimentos motivaram o pronunciamento abaixo:

“... esta instituição de ensino não brota de uma decisão de governo, mas brota de um querer coletivo, de uma tomada de consciência da própria comunidade, de uma deliberação de todo o seu povo.”(Marco Maciel)

No decorrer de 1986, na residência do Dr. Walmor Belz, os médicos voltaram a se reunir com o mesmo objetivo, sendo que o Dr. Walmor Belz, o Dr. Xisto Detoni e nós percorremos várias Universidades do país para colher subsídios. O médico blumenauense Dr. Osmar Creuz, auxiliar de ensino da Faculdade Fluminense de Medicina, então fazendo doutorado na Alemanha, empenhou-se igualmente no movimento pela criação do Curso de Medicina da FURB.

Em 08 de outubro de 1986, o Centro de Estudos do Hospital Santa Isabel, que congrega os médicos do Corpo Clínico daquele nosocômio, após ouvir e

então Ministro da Educação, o Exmo. Sr. Dr. Jorge Konder Bornhausen, fez resurgir a idéia, encaminhando documento assinado pelo Presidente, Dr. Romualdo Izon Heil e subscrito por 41 médicos, do qual fomos o portador e que entregamos ao então Reitor Professor Arlindo Bernart (que tinha como Vice-reitor e Superintendente de Administração o professor Braulio Schloegel), relacionando tópicos que justificavam a necessidade de um Curso de Medicina na FURB.

Justificativa da necessidade social do curso:

Com uma população de cerca de 230 mil habitantes, Blumenau se constituiu em centro de influência de uma região de grande desenvolvimento sócio-econômico, congregando uma população estimada em 1 milhão de habitantes.

Para atender a esta demanda em assistência médica, 400 profissionais, em sua maioria com formação especializada, distribuem-se em três hospitais e em ambulatorios médicos mantidos pelos Governos Municipal, Estadual, Federal, por Entidades Religiosas, Sindicatos, Classe Empresarial e Particulares, nem sempre oferecendo à população atendimentos condizentes com as necessidades básicas que devem ser asseguradas aos seus usuários.

Blumenau que outrora se orgulhava de apresentar um padrão médico competente, respeitado e revestido de alto grau de humanismo, vem acompanhando um declínio gradativo na qualidade do modelo de atendimento oferecido à população, conseqüente à sobrecarga de trabalho de alguns e à mercantilização exacerbada de outros.

Se de um lado a qualidade do atendimento médico se apresenta em franco declínio, de outro o atendimento hospitalar, pelo sucateamento de materiais e equipamentos, não enseja base para um bom desempenho da medicina.

Blumenau, que já teve um excesso de leitos hospitalares, um aprimorado atendimento nos Pronto-Socorros e nas Enfermarias, vem contando com um atendimento precário, não raro acompanhado de recusas de casos graves. O número de leitos disponíveis, aproximadamente 600, têm absorvido insatisfatoriamente a demanda, quer por encaminhamentos indevidos decorrentes de atendimentos ambulatoriais, ou na falta destes, quer na procura espontânea dos pacientes ou de seus familiares, tem obrigado os doentes a permanecerem em macas nos corredores dos hospitais, suscitando, com justa razão, reclamações da população. O problema se agrava diante das dificuldades em se manter uma cobertura adequada de profissionais nos Pronto-Socorros, em regime de escala de plantão, fato que determina absoluta consideração para com os pacientes, que angustiados perambulam de um hospital a outro em busca de socorro para solução de seus problemas de saúde.

As associações de classe, de forma geral, mostram extrema preocupação com o campo de trabalho e com a remuneração do médico, em detrimento daquela relacionada com o aprimoramento científico dos seus associados. Em conse-

quência, grande parte dos médicos se volta mais para o interesse financeiro e pouco para a finalidade do atendimento, e, com honrosas exceções, sem predisposição para a pesquisa ou mesmo para execução de pequenos trabalhos em sua área.

Em que pese o número de Escolas Médicas existentes no país, se comparado ao de médicos atuantes, estatisticamente considerado excessivo para alguns, a Associação Médica de Blumenau vê a situação de outra forma, justificando seu ponto de vista com a assertiva de que, diariamente, dezenas de pessoas ficam sem atendimento médico, indicando uma franca demanda reprimida. Este fato vem comprovar um distanciamento claro entre a realidade e o pressuposto excesso, sobretudo no que se refere ao atendimento a nível ambulatorial à população mais humilde e mais carente que dispões apenas dos serviços do Sistema Unificado de Saúde – SUS.

A realidade sanitária brasileira aponta para um recrudescimento crescente de patologias, francamente evitáveis, como a Malária, a Hanseníase, as Doenças Sexualmente Transmissíveis, a Tuberculose, as Verminoses e tantas outras. Este fato, por si só, exige um redimensionamento de atitudes e um preparo profissional adequado voltado para a premiação da saúde.

Para melhor compreensão do raciocínio desenvolvido nesta exposição de motivos deve-se fazer um retrocesso na História e no tempo. Na antigüidade, a Medicina, ainda que detendo conhecimentos rudimentares, considerava o homem como uma unidade que deveria ser atendida dentro do seu elemento físico, psíquico, social e ecológico. Todavia, na medida em que a tecnologia foi avançando, estas premissas foram sendo relegadas e o médico passou a ver o ser humano de forma diferente, deslocando-o do seu meio e ele mesmo foi se afastando da vida comunitária; não desfruta mais dos seus êxitos, não participa mais das suas contrariedades, não se comove com os problemas familiares e comunitários dos seus pacientes, nem orienta no plano social e, quando o faz limita-se ao plano pessoal ou individual.

Mercê da rápida evolução da tecnologia médica, os profissionais da área de saúde foram tocados e até estimulados a aperfeiçoamentos progressivamente mais profundos, as denominadas super-especializações. Este fato é de tal forma marcante, a ponto de desencadear direcionamento precoce às especificações, em detrimento de cadeiras básicas. O estudante de medicina passou a dedicar-se quase que exclusivamente a sua futura área de atuação especializada. Entretanto, na medida em que o profissional vai se especializando, mais se distancia da realidade, posto que seu embasamento não o qualifica convenientemente para seu desempenho na comunidade em que deverá agir.

Num país em desenvolvimento, com sérios problemas econômicos, com altos índices de morbidade relacionados, sobretudo, com doenças infecto-contagiosas, desnutrição e saneamento básico, o correto é direcionar os profissio-

nais da saúde para atividades sanitárias básicas. O acesso do profissional médico às estruturas da saúde e a qualidade dos seus serviços devem ser redimensionados, para que o seu ingresso nas instituições de serviço esteja em consonância com a realidade.

O modelo de atendimento médico aplicado à população da região de Blumenau não difere daquele do restante do país, sobretudo aquele aplicado à população menos favorecida economicamente. Com base nos indicadores acima referidos as soluções passam, necessariamente pelo preparo adequado dos profissionais do Sistema, ainda que os resultados se façam sentir a médio e longo prazo.

A proposta do Curso de Medicina da Universidade Regional de Blumenau tem como marco conceitual suas características gerais de terminalidade, com objetivos definidos voltados para a valorização do homem no seu contexto comunitário e norteado por profundos princípios humanísticos e éticos.

A Universidade Regional de Blumenau só terá seus compromissos para com a comunidade, se ampliar suas atividades, também, para a área de saúde. Cabe a ela assumir, integrada às demais instituições setoriais, o papel transformador da realidade, participando com todos os seus meios e instrumentos e em todas as áreas do conhecimento, na elevação do nível de saúde da população.

São objetivos do Curso:

- assegurar terminalidade de formação ao egresso qualificado como médico generalista, apto a iniciar o exercício da profissão ao concluir a graduação;
- oportunizar fundamentação acadêmica ao egresso que lhe permita acrescentar novas experiências educacionais em pós-graduação;
- proporcionar vivência prática com os problemas ligados ao binômio saúde/doença, de forma integrada e co-participativa com a comunidade, com ênfase para a preservação da saúde;
- refletir criticamente a prática profissional, no sentido de criar formas participativas de solução aos problemas individuais e coletivos, vistos em sua conexão com os processos sociais mais amplos;
- incutir, incentivar e exercitar princípios éticos e morais que regem a dignidade do exercício profissional do médico;
- contribuir para o avanço do saber e da prática profissional em duas dimensões teóricas e metodológicas;
- possibilitar e realizar pesquisas voltadas a indicar uma melhor qualidade de saúde à população.

Médicos com formação básica nas áreas de Clínica Médica, Cirúrgica, Pediátrica, Ginecológica, Obstetrícia e Medicina Social, são o perfil pretendido nas intenções do currículo proposto.

Pretende-se desenvolver uma prática profissional diferenciada, através de um importante componente da atividade médica bem sucedida: uma direção ética e política do seu trabalho.

Além do fundamento comum de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, vivenciar com o egresso um cunho humanístico dos serviços de saúde, valorizando adequadamente a assistência médica primária. Empenho no trabalho, no aprimoramento, na racionalidade, na ciência, no serviço da sociedade, na manutenção de princípios éticos e morais, são atributos inseparáveis na complementação do perfil egresso.

Subscreveram aquele documento os seguintes médicos: Dr. Paulo Pedro Mayerle, Dr. Walmor Belz, Dr. Guilherme B. Almada da Silva, Dr. Gelásio de Souza Freitas, Dr. Luis Carlos Lins, Dr. Eliziário Pereira Filho, Dr. Luis Renato Mello, Dr. Xisto A. Detoni, Dr. Godofredo Gomes de Oliveira, Dr. Joel de Oliveira, Dr. Romualdo Izon Heil, Dr. Joares Luiz Nogara, Dr. Nilceu Gomes da Rocha Loures, Dr. Sylvio Aurélio Schmitt, Dr. Omar Salivan Rozze, Dr. Walter Roque Teixeira, Dr. Edson Pedro da Silva, Dr. Carlos Ivan Buchen, Dr. Renato Rizza Doneda, Dr. Walmore P. Siqueira Júnior, Dr. Solveig Marchi, Dra. Lucimar dos Santos, Dr. Wilson Gomes Santhiago, Dr. Jeronimo Soares Benites, Dr. Leopoldo Cruz de Carvalho, Dra. Elizabete Ternes Pereira, Dr. Itamar de Oliveira Vieira, Dr. Amauri Cadore, Dr. Nilton Nasser, Dra. Rosana Leal M. Leonetti, Dr. Bruno Trauczinski Neto, Dr. Gilberto Maciel Duarte, Dr. Dário Tajara da Rosa, Dr. Elpidio Juarez P. Zimmermann, Dr. Luiz Fernando Duarte, Dr. Carlos Nicolau Goffergê, Dr. Orlando Hugo Praun, Dr. Eduardo Vitoldo Ferencz, Dr. Lorival Hari Hübner Saade.

Em 28 de outubro de 1986, o Projeto recebeu o aval do Conselho Universitário e o assunto foi submetido à apreciação da Câmara de Ensino (presidida pela Professora Hella Altenburg, de saudosa memória, e tendo como componentes o Professor Bernard Hugo, Professora Gertrudes Knihs de Medeiros e Professor Dimas Antonio Moser, tendo como relator o Professor Diderot Carl), e do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (presidido pelo Professor João Joaquim Fronza, de saudosa memória). Ambos os Colegiados se mostraram favoráveis à idéia de expansão do ensino na área da saúde e recomendaram que fosse instituída uma Comissão Especial a que também deveriam integrar-se elementos da classe médica de Blumenau, em especial aqueles que já lecionavam na FURB: Dra. Anna Cechet, Dr. José Carlos Stefanos, Dr. Lorival Hari Hübner Saade, Dr. Luiz Carlos Lins, Dr. Maurici Nascimento e Dr. Sérgio Coimbra.

Ainda em 18 de junho de 1987, pela portaria nº. 72/87 o Reitor Prof. José Tafner designa o médico Paulo Pedro Mayerle para Presidente de Honra da Comissão Especial destinada a estudar a viabilidade de implantação do Curso de Medicina na Universidade Regional de Blumenau, nos seguintes termos: "O Reitor

da Universidade Regional de Blumenau, no uso de suas atribuições, DESIGNA o médico DR. PAULO PEDRO MAYERLE, para Presidente de Honra da Comissão Especial destinada a estudar a viabilidade de implantação do Curso de Medicina na Universidade Regional de Blumenau, instituída pela portaria nº. 71/87 de 18/06/1987”.

Em 22 de junho a referida Comissão Especial, presidida pelo Dr. Walmor Belz foi instalada oficialmente. Realizaram-se intensivos estudos e, desde o início, houve a preocupação, não só com o Curso, mas também, com a necessidade futura de um Hospital especialmente dedicado ao ensino: o Hospital Universitário. Decorridos 17 meses de sua designação, a Comissão concluiu seu trabalho decidindo pela viabilidade do Curso de Medicina da FURB, desde que destinado à formação de Médicos Generalistas. Cabe destacar que a mencionada Comissão fundamentou suas conclusões após ouvir membros destacados da Comissão de Especialistas dos Curso de Medicina do Ministério da Educação, como a professora Alice Rosa e o Dr. João Cândido da Silva, além da análise detalhada de currículos de diversos Cursos de Medicina de Universidades Federais, Estaduais e Particulares, bem como consultando bibliografia pertinente nacional e estrangeira.

Em 28 de junho de 1987, o Reitor Prof. José Tafner (sendo Vice-Reitor João Joaquim Fronza), pela Portaria nº. 71/87 designa COMISSÃO ESPECIAL para estudar a viabilidade de implantação do Curso de Medicina na Universidade Regional de Blumenau nos seguintes termos: “O Reitor da Universidade Regional de Blumenau no uso de suas atribuições, tendo em vista as indicações formuladas pelo Centro de Estudos do Hospital Santa Isabel, do Centro de Estudos do Hospital Santa Catarina, da Secretaria de Saúde e Bem Estar Social da Prefeitura Municipal de Blumenau e Reitoria, DESIGNA os médicos: Dr. Adilson Tadeu Machado, Dr. Aldo Roberto Lucchesi, Dra. Anna Cechet, Dra. Ana Maria Gallo Hering, Dr. Eliziário Pereira Filho, Dr. Fernando de Mello Vianna, Dr. Guilherme B. Almada da Silva, Dr. Jacy Bruns, Dr. José Stefanos, Dr. Leônidas Pelissari, Dr. Lorisval Hari Hübner Saade, Dr. Luís Carlos Lins, Dr. Maurici Nascimento, Dr. Milton Fiedler, Dr. Oswaldo Pfiffer, Dr. Paulo Alberto Pamplona, Dr. Romualdo Izon Heil, Dr. Siegmur Starke, Dr. Walmor Belz, Dr. Walmore Pereira Siqueira Júnior, Dr. Willian Jofre de Barros, Dr. Xisto Augustinho Detoni, para constituírem COMISSÃO ESPECIAL destinada a estudar a viabilidade de implantação do Curso de Medicina na Universidade Regional de Blumenau, devendo eleger o seu Presidente Executivo dentre os seus pares”.

As reuniões da Comissão Especial destinada a estudar a viabilidade da implantação do Curso de Medicina da FURB, se iniciaram em 29 de junho de 1987, às 20h30 no bloco “A” em decorrência da Portaria nº. 71/78 assinada pelo Reitor José Tafner. Estiveram presentes: Reitor José Tafner, Dr. Paulo Mayerle, Anna Cechet, Ana Maria Gallo Hering, Fernando de Melo Vianna, Guilherme B.

Almada da Silva, José Stefanés, Leônidas Pelissari, Luís Carlos Lins, Maurici Nascimento, Milton Fiedler, Oswaldo Pfiffer Júnior, Paulo Roberto Pamplona, Formulado Izon Heil, Siegmur Starke, Walmor Erwin Belz, Wilian Jofre Barros. Foram deliberadas as formas de funcionamento, estabelecidas subcomissões, além de assuntos gerais.

Em reunião datada de 17 de agosto de 1987, às 20h30, realizou-se no segundo pavimento do bloco "A" da FURB uma reunião com a Comissão Especial de estudos de viabilidade da implantação do Curso de Medicina. Naquela ocasião foram eleitos o presidente executivo da Comissão, Dr. Walmor Erwin Belz, e o vice-presidente, Dr. Romualdo Izon Heil. Também foram eleitos os coordenadores das subcomissões de ensino, Dra. Anna Cechet, subcomissão de relações externas, Dr. Lorival Hari Hübner Saade, subcomissão de recursos materiais, Dr. Oswaldo Pfiffer Júnior, subcomissão de finanças, Dr. Fernando de Melo Viana e subcomissão de recursos humanos, Dr. Aldo Robert Lucchesi.

No dia 14 de setembro de 1987, às 20h30, no segundo pavimento do Bloco "A" da FURB, ocorreu uma reunião da Comissão Especial de estudos para viabilidade da implantação do Curso de Medicina, com a seguinte ordem do dia: leitura da ata da reunião anterior, apresentação de proposta curricular e respectivo currículo pleno do curso, levantamento de dados de Blumenau na área de Saúde e assuntos gerais.

No dia 1º de fevereiro de 1988, às 20h, no segundo pavimento do Bloco "A" da FURB, aconteceu mais uma reunião da Comissão Especial de estudos para viabilidade da implantação nas chefias das subcomissões, hospital regional e assuntos em geral.

Em 07 de março de 1988, às 20h, no Bloco "A" da FURB, ocorreu outra reunião da Comissão Especial de estudos da viabilidade da implantação do Curso de Medicina, com a seguinte ordem do dia: desligamento do Dr. Adilson Machado e presença do Dr. João José Candido para orientação da comissão.

No dia 06 de junho de 1988, às 20h, no segundo pavimento do Bloco "A" da FURB, reunião da Comissão Especial de estudos para a viabilidade da implantação do Curso de medicina, com a seguinte ordem do dia: assuntos curriculares e assuntos gerais.

No dia 1º de agosto de 1988, às 20h, no segundo pavimento do Bloco A da FURB, houve uma reunião da Comissão Especial de Estudos para viabilidade da implantação do Concurso de Medicina, para deliberar sobre a seguinte ordem do dia: convite à comissão do MEC, visita às Escolas Paulistas de Medicina da USP e de Campinas assuntos curriculares e assuntos gerais.

Em reunião da Comissão Especial de estudos de viabilidade de implantação do Curso de Medicina datada de 12 de setembro de 1988, às 20h, no segun-

do pavimento do Bloco A da FURB, foram apresentados relatórios das subcomissões e tratados assuntos gerais.

Já na reunião de 29 de setembro de 1988 ocorrida no segundo pavimento do Bloco A da FURB a Comissão Especial de estudos da viabilidade da implantação do Curso de Medicina, contou com a presença da professora Alice Rosa com o objetivo de orientar a referida Comissão.

No dia 03 de outubro de 1988, às 20h, no segundo pavimento do Bloco A da FURB, ocorreu uma reunião de Comissão Especial de estudos da viabilidade da implantação do Curso de Medicina, para deliberar sobre a seguinte ordem do dia: articulação do curso com o Sistema Único Saúde – SUS, integração dos docentes aos serviços e fortalecimento do aprendizado.

No dia 11 de outubro de 1988, às 20h, no segundo pavimento do Bloco A da FURB, ocorreu uma reunião da Comissão Especial de estudos da viabilidade da implantação do Curso de Medicina, para deliberar a seguinte ordem do dia: realização de convênios com os Hospitais Santa Isabel, Santa Catarina e Santo Antônio, convênio com a Escola Paulista de Medicina.

No dia 1º de novembro de 1988, às 20h, no segundo pavimento do Bloco A da FURB, ocorreu uma reunião da Comissão Especial de estudos da viabilidade da implantação do Curso de Medicina, com a seguinte ordem do dia: avaliação de custos, criação de uma Fundação Independente e adesão da classe empresarial.

Em 08 de novembro de 1988, às 20h, no segundo pavimento do Bloco A da FURB, ocorreu uma reunião da Comissão Especial de estudos da viabilidade da implantação do Curso de Medicina, com o objetivo de analisar as declarações do presidente da Associação Catarinense de Medicina, da Associação Médica de Blumenau e da AMBL.

Em 18 de janeiro de 1989, às 20h, no segundo pavimento do Bloco A da FURB, ocorreu uma reunião da Comissão Especial de estudos da viabilidade da implantação do Curso de Medicina, com a seguinte ordem do dia: leitura da ata da reunião anterior, relatório das comissões e assuntos gerais.

Em 03 de julho de 1989 o CEPE (Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão), pelo processo nº. 049/89, emitiu parecer no. 081/89, dirigido à Chefia Fredel Boss e Professora Helena Maria S. Miranda Gomes, favorável à implantação do Curso de Medicina em época a ser definida no Plenário da Câmara de Ensino. A referida Câmara de Ensino em decisão datada de 04 de julho de 1989, constituída pelas Professoras Beate Frank, Griseldes Fredel Boos (Relatora), Helena Maria S. Gomes (Relatora), Professores Bernard Hugo e Evaristo Paulo Gouveia, bem como do acadêmico Marcos Antonio Mattedi, acompanhou o parecer das Relatorias, porém, com certa preocupação quanto ao custo financeiro do referido Curso. O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), presididos pelo Professor

João Joaquim Fronza, decidiu em plenário, em 11 de julho de 1989 que o primeiro Concurso Vestibular poderia ser realizado e que o Curso de Medicina deveria ser vinculado ao Centro de Ciências Exatas e Naturais até a nova reestruturação da Universidade. É justo que se saliente o excepcional trabalho desempenhado pelo Prof. Joaquim Fronza na implementação do Curso de Medicina, provendo-lhe praticamente todas as necessidades materiais e de apoio. Seus contatos com a Escola Paulista de Medicina foram altamente proveitosos, tendo sido a aula inaugural proferida no dia 04 de março de 1990 pelo Prof. Dr. José Carlos Prates, daquela instituição. Destaque-se que o Prof. Joaquim Fronza, assumiu a reitoria da FURB, no período de 30/03/1989 a 01/04/1990, por motivo da posse do Prof. José Tañer na Secretaria da Educação do Estado; ambos somaram forças para a implantação efetiva do Curso de Medicina, o qual foi criado e implantado a partir de fevereiro de 1990, oferecendo 40 vagas anuais.

Para proporcionar maior segurança no desenvolvimento dos trabalhos de implantação do curso, contou-se com o respaldo de eminentes consultores, como os professores doutores Amílcar Gigante, Carlos Grossmann, Othmar Bauer e Hebe Tourinho, de cujas ricas experiências foram retirados subsídios para orientar e aprimorar o processo de implantação, sobretudo da área profissionalizante, com especial destaque para a dinâmica didático-pedagógica.

Desde então participaram ativamente na condução do Curso as seguintes pessoas: Profa. Anna Cechet (Coordenadora do Colegiado do Curso) cuja dedicação constante e eficiente merece ser particularmente destacada; Prof. Egon Schramm (Diretor do Centro de Ciências Exatas e Naturais); Prof. Maurici Nascimento (Coordenador do Prof. Humberto Rebelo Narciso (Coordenador do Colegiado do Curso); Prof. David Hülse (Diretor do Centro de Ciências da Saúde).

Foi firmado convênio entre a FURB e a Prefeitura Municipal de Blumenau para uso dos ambulatórios da rede municipal de saúde, convênio esse abonado pelo Prefeito Municipal Professor Victor Fernando Sasse e pelo Secretário Municipal de Saúde, Dr. Newton Motta. Paralelamente foram celebrados termos de acordo de cooperação entre a FURB e os três maiores hospitais de Blumenau (Santa Isabel, Santa Catarina e Santo Antônio).

Ao assumirem a administração da Universidade, em outubro de 1990, o novo Reitor, Professor Celso Mário Zipf e o Vice-Reitor, Professor Lorival Hari Hübner Saade, enfrentaram difícil e onerosa tarefa de investir maciçamente no Curso de Medicina que se encontrava em plena fase de implantação, e, para tanto, não pouparam recursos nem esforços a fim de que Blumenau pudesse ter um Curso de Medicina à altura de suas tradições de seriedade, organização e trabalho. Passaram logo, também, a defender a idéia de implantação do Hospital Universitário.

Em fevereiro de 1991, iniciou-se o primeiro projeto do Hospital com capacidade de 200 leitos e uma área constituída de 10.000 metros quadrados.

Em 15 de março de 1991, os sete LIONS CLUBE de Blumenau defenderam a implantação de um Hospital Regional Universitário da Região Norte, margem esquerda do rio Itajaí-Açu e, para tanto, enviaram Moção à Convenção Distrital de Itajaí conclamando o Governo do Estado a se empenhar na execução daquela obra.

A proposta da FURB relacionada ao Hospital Universitário de Blumenau, foi aprovada em reunião do Conselho Municipal de Saúde realizada em 15 de julho de 1991.

Em 03 de março de 1994, iniciou-se a construção do Ambulatório Universitário junto ao Campo I da FURB, ainda na gestão do Reitor Celso Mário Zipf. Foram nomeados o Prof. Lorival Hari Hübner Saade e a Profa. Solange Winck para supervisionarem aquela obra, a qual foi concluída e inaugurada na gestão do Reitor, Professor Mércio Jacobsen, em 02 de junho de 1995.

Em 15 de março de 1995, no auditório do Bloco T da FURB houve o apoio unânime dos 14 Prefeitos da Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí (AMMVT), presidida pelo Sr. Frederico João Hardt, Prefeito de Indaial. Participaram da referida reunião o Prefeito de Blumenau, Dr. Renato de Mello Vianna (Professor e Ex-Reitor da FURB), Prof. Egon Schramm, o Diretor do Centro de Ciências Exatas e Naturais, Prof. David Hülse, o Ex-Reitor Professor Arlindo Bernart, representantes dos professores, alunos e funcionários, vários componentes dos LIONS CLUBE de Blumenau, inclusive o Governador do Distrito, Sr. Gérson Righetto. Na oportunidade, foi feita ampla exposição do Projeto do Hospital Regional pelos professores Dr. Romualdo Izon Heil, Dr. Lorival Hari Hübner Saade (da área de Medicina), e pelos engenheiros da FURB, Prof. Fred Duerk Wacholz e o Dr. Jorge Ibanez Vaca (da área de Engenharia Civil).

Com o parecer favorável do Sr. Prefeito Municipal de Blumenau, Dr. Renato de Mello Vianna, do Secretário da Saúde do Município, Dr. Luiz Eduardo Caminha e do Secretário Estadual de Saúde, Dr. Ronald Moura Fiúza, o Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Paulo Afonso Vieira, manifestou-se reiteradamente favorável à construção do Hospital Regional Universitário de Blumenau.

Para a construção deste nosocômio foi constituída uma comissão formada pelos professores Lorival Hari Hübner Saade, Romualdo Izon Heil e Luís Carlos Lins, sendo presidida pelo ex-reitor Prof. Arlindo Bernart. O Hospital Universitário constituirá para o Curso de Medicina e em especial para a população do Médio Vale do Itajaí, o coroamento de uma longa luta, muitas vezes incompreendida, mas que, certamente marcará história de nossa Universidade. Em 31 de maio de 1996 o então Ministro da Saúde, Dr. Adib Jatene, lançou a pedra fundamental do Hospital Unversitário de Blumenau.

Em 12 de dezembro de 1995, o Curso de Medicina na FURB foi reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina, mediante o parecer nº. 234/95.

Em 16 de dezembro de 1995, depois de longa e trabalhosa jornada em que tantas pessoas – aqui lembradas num preito de reconhecimento e justiça – dispenderam esforços incansáveis e nem sempre reconhecidos, ocorreu a formatura da primeira turma de médicos da FURB.

Em 02 de fevereiro de 1996 ocorreu o reconhecimento do Curso de Medicina pela portaria nº. 91, assinada pelo Ministro da Educação e do Desporto, Paulo Renato de Souza e publicado no Diário Oficial da União nº. 25, página 1790 de 05/02/1996. Ressalta-se o papel relevante desempenhado pelo Senador Jorge Bornhausen no referido reconhecimento.

Foi relevante, igualmente, o desempenho da Assessoria Jurídica da FURB, por seus dignos integrantes, professores Dr. Pedro Reis Júnior e Dr. Orlando Ferreira de Mello, que através de pareceres proferidos quando necessários se tornavam esclarecimentos jurídicos inerentes à funcionalidade do Curso e seu corpo docente, como também no aspecto relativo a implementação do seu laboratório para as aulas práticas de Anatomia. Neste setor, a Assessoria Jurídica colaborou de modo proficiente na legalização específica e contribuiu de maneira decisiva para que o Curso de Medicina tivesse de forma continuada o material indispensável ao exercício das disciplinas já referidas.

Destacamos, no decorrer de todo este processo, a inestimável colaboração das seguintes pessoas: os Srs. Alfredo Iten, Prof. Cesar Cim, Dr. Berndt Meyer (que presidiram sucessivamente o Conselho Curador); Os componentes do Conselho de Administração (CONSAD), e o Conselho Universitário (CONSUNI), representantes da comunidade, entre os quais salientamos pela assiduidade e empenho, os Srs. Lotário Stuber, Vereador Hasso Domingo Walter (Timbó), Arquitecta Cláudia Siebert, Sr. João Babbista Krein, Prefeito Francisco Hostins (Gaspar), Vereador Caleb Zaniz, Sr. Alfredo Iten, Srta. Vera Lúcia Castellain, Prefeito Frederico João Hardt, Sr. José Ziebarth, Sr. Abramo Moser, Sr. Ruy Eduardo Willecke, Vereador Marcio Cesar Cani, Sr. Bernd Frederico Victorino Meyer, Sr. Julio Horts Zadrozny, Sr. Ralf Karsten, Sr. Ingo Hering, Sr. Hermann Jonh, Sr. Wilmar da Luz, Profa. Valquíria Maria Rafael, Sr. Marcos Henrique Buechler, Prof. Eduardo Pokrywiecki, Prof. Mário Wisintainer, falecido prematuramente (secretário acadêmico burocrático e administrativo por longos anos, além de Vice-Reitor na primeira gestão do Prof. José Tafner); os Superintendentes de Ensino, Prof. José Valdir Floriani e Marli Maria Schramm; os Superintendentes de Pesquisa e Desenvolvimento, Profa. Gertrudes Knihs de Medeiros, Prof. Leonel Cezar Rodrigues e o Prof. Pedro Krause; os Superintendentes de Administração, Prof. David Hülse e Mércio Jacobsen, posteriormente reitor 1994 – 1998; o Secretário do Gabinete da

reitoria, Professor Aloir Arno Spengler, que exerceu excelente trabalho nas incontáveis reuniões dos Conselhos da FURB (auxiliado pelos funcionários Frederico Guarez, Edí Maria Silva e Rose Theiss); Euzi de Limas Tomio e Maria do Carmo Vieira de Souza, chefiando o trabalho da equipe da divisão acadêmica; o Professor Braulio Maria Schloegel, Ex-Diretor da Biblioteca da FURB, que juntamente com o atual diretor Sr. Mauro Tessari, a Secretária Executiva, Solange Garcia Kaestner, as Bibliotecárias Nessi Davina Lemzi Cristelli, Genoveva Lemos e Izildinha Ramos Acceta, o funcionário Gerson Luís de Souza e equipe, que promoveram a aquisição e organização da dispendiosa bibliografia específica; o Chefe do Setor de Encadernação, Sr. Ezair Cristóvão e equipe; a Assessoria de Imprensa, sempre presente e atenta em noticiar os fatos, constituída por Marta Sigwald Raldes, Aniceto Luiz Mund, Michel Imme e Sidnei Speckart; os componentes da Editora da FURB, Professores Aloir Arno Spengler, Bráulio Maria Schoegel, Olívo Pedron e Ana Maria Kovács (Conselho Editorial); a Profa Yolanda Tridapalli e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (Diretores Executivos); Sandra Heck (Coordenadora); as funcionárias Maria Hinkeldey e Rita Ortmann e equipe, da Divisão de Registro Docente; a Sra. Viviane Moreira e equipe, encarregados dos projetos, cursos novos e convênios da FURB; a Profa. Helga Emmel Koch (Diretora da ATE – Assessoria Técnica de Ensino) e auxiliares; o Sr. Genildo Gesser (Chefe da Seção de Diplomas) e auxiliares; Carlos Roberto Linhares (Chefe da Divisão de Administração do Campus) e equipe; as Chefias da Divisão de Assistência do Estudante, Sra. Gertrudes Anhalt Neta e Samara Milene Tschoeke; a Divisão de Finanças, chefiada por Sônia Maria Zimmermann e Erasmo Abel Veiga; a Divisão de Contabilidade, chefiada por Valcil Erminio Rezende; o Setor de Compras, chefiado por Marguit Keunecke; a Divisão de Promoções Culturais, chefiada por Teresinha Heimann, sucedida pela professora Noemi Kellermann e pelo coordenador da Revista de Divulgação Cultural professor José Endoença Martins, secretariados por Elfy Eggert e Heidi Dietrich; a Divisão de Recursos Humanos, chefiada por Arthur Spengler e colaboradores; a Imprensa Universitária, chefiada por Gian Marco Carlini e colaboradores; o Setor de Audiovisuais, chefiado por Roberto Disse e Valdir Galiza Júnior e que produziu um excepcional documentário em vídeo abordando as vidas dos grandes nomes da Medicina de Blumenau, ainda em atividade, quais sejam: Dr. Paulo Pedro Mayerle, Dr. Gelásio de Souza Freitas, Dr. Carlos Nicolau Goffergê, Dr. Érico Rocco Niemeyer e Dr. Oscar Rubens Krüger; os auxiliares do laboratório de Anatomia, Jucélia Maria Schubert e Cláudio Martins, e por fim, nossos agradecimentos às telefonistas, funcionárias e servidores, bem como a Volnei Carraro, auxiliar de biblioteca, Ubirajara Martins Flores, auxiliar administrativo do Centro de Ciências da Saúde que se prestaram dedicadamente a digitar o texto acima.

Autores Catarinenses

- **Pinheirais e
Marinhas**
- **Só Agora?**
- **O Velho Hem**

TEXTO:

ENÉAS
ATHANÁZIO*



PINHEIRAIS E MARINHAS

Graças ao amigo Luiz Miranda, aficcionado freqüentador de “sebos”, pude ler um velho livro que ele teve a gentileza de me oferecer. Trata-se de “Pinheirais e Marinhas”, integrante da coleção “Histórias e Paisagens do Brasil”, dedicado a Santa Catarina e ao Paraná, reunindo contos, crônicas, memórias e narrativas de viagens e aventuras pelos dois Estados, com esmerado estudo introdutório do historiador Ernani Silva Bruno. Os textos selecionados são de autores estrangeiros e brasileiros, antigos e modernos, e desvendam um panorama completo de ambos os Estados, desde o litoral e o planalto até o extremo oeste. Para quem imagina conhecer bem a região e vai apenas recapitular, como aconteceu comigo, o livro é surpreendente e revela muitas novidades interessantes. Por outro lado, na variedade de estilos dos diversos autores, reforça-se a conclusão de que eles de fato sabiam escrever com precisão e elegância.

O volume se abre com as impressões de viagem pelo sertão bruto, em lombo de burro, escritas pelo botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, que viveu no Brasil de 1816 a 1822, percorrendo boa parte de nosso território. O texto registra com fidelidade e poder descritivo a geografia, a fauna e a flora, os caminhos, os usos e costumes de uma população rarefeita. Deixa uma nítida impressão do que foi a região e como eram os seus índios.

O autor seguinte é James C. Fletcher, pastor protestante que pregava e distribuía bíblias ao povo. Aqui esteve entre 1851 a 1865, relatando neste artigo uma viagem de canoa de São Francisco a Joinville, fazendo contatos com os colonos na mata virgem, espantando-os pelo inusitado de sua profissão. Suas descrições são primorosas, em linguagem clara e cativante.

Segue-se Roberto Avé-Lallemant, médico alemão que descreveu, em 1858, uma viagem entre Joinville e os campos do Paraná, cruzando o sertão atra-

* Escritor e Advogado.

vés da Serra Dona Francisca. Travessia difícil e perigosa, descrita com precisão, e ressaltando o pavor provocado pelos bugres nos habitantes, mesmo nos mestiços. Lallemant é muito citado pelos historiadores.

Entre os brasileiros, figuram o clássico Visconde de Taunay, relatando uma viagem pelos verdes campos; Virgílio Várzea, descrevendo a vida dura dos pecadores; Nestor Vitor, o grande amigo de Cruz e Sousa, mostrando as belezas da subida da Serra de Paranaguá; Salim Miguel, pintando o cotidiano da Vila dos Ganchos; Othon D'Eça, esmerando-se num conto ambientado numa comunidade de pescadores. E outros ainda.

O livro permite, pela proximidade dos textos, a comparação entre Júlio Pernetta, fundador do regionalismo no Paraná, e Tito Carvalho, o iniciador do regionalismo catarinense. O primeiro altera as palavras para aproximá-las da pronúncia do caboclo -- é o "caboclismo" dos críticos. O nosso carrega nos termos regionais mas não deforma os vocábulos. Ambos são bons contistas, cada qual a seu modo.

Merece referência especial o conto "Cerração", de Guido Wilmar Sassi, catarinense nascido em Lages e criado em Campos Novos. É uma das grandes criações do iniciador do "ciclo do pinheiro" em nossas letras.

É, enfim, um livro agradável e esclarecedor, leitura indispensável para quem deseja bem conhecer nossa terra e nossa gente. Valeu, amigo Miranda!

SÓ AGORA?

Francisco Coloane, escritor chileno de 89 anos, nascido no Arquipélago de Chiloé, escreveu a vida toda mas só agora foi "descoberto". Comparado a Melville, Conrad, Kipling e London, mereceu rasgados elogios de "Le Monde" e "Libération", grandes jornais franceses, e seus livros são vendidos em quantidade. "Terra do Fogo", "Cabo Horn" e "Os Caminhos das Baleias" são suas obras mais conhecidas. Não existem traduções brasileiras.

Nas fotos publicadas nos jornais, ele parece indagar, entre irônico e incrédulo: "Só agora?!"

O VELHO HEM

Nascido em 21 de julho de 1899, o escritor norte-americano Ernest Hemingway teve seu centenário de nascimento comemorado no ano passado. Seus admiradores, espalhados pelo mundo, celebrarão o acontecimento de todas as formas imagináveis, inclusive com touradas, pescarias e caçadas, atividades de que ele era aficionado. Livros, ensaios, reportagens, entrevistas, filmes, palestras e seminários marcarão o evento em inúmeros países, em especial nos Estados Unidos, na Espanha, na França e em Cuba, onde ele viveu por mais ou menos tempo em fases diferentes da vida. Misto de escritor, boêmio e aventureiro, o "Velho Hem"

ou “Papa”, como era chamado com carinho, tem admiradores fanáticos e imitadores em quantidade. Existe até um torneio de sósias, no qual é premiado aquele que mais se pareça com ele no aspecto físico.

Dono de um estilo personalíssimo em que o diálogo é essencial, Hemingway escrevia de forma despojada, às vezes parecendo esquemática, embora não lhe faltasse nada para provocar o impacto desejado. Poucos escritores foram tão hábeis como ele na busca da palavra exata, precisa, aquela que não admite substituição por outra -- a palavra justa dos franceses. Foi um estilista à sua maneira, sempre imitado sem sucesso. Sua obra, graças a isso, agradava desde o intelectual até o leitor mais simples, o que parece justificar a impressionante vendagem de seus livros. Recusava-se quase sempre a falar sobre seu processo criativo, dizendo que essa era tarefa dos críticos, cujos empregos não pretendia tirar.

Hemingway é um dos escritores modernos mais biografados, estudados e traduzidos. Mesmo no Brasil existem vários biógrafos dele e inúmeros ensaios a respeito de sua obra. Muitas histórias suas foram vertidas para o cinema, com grande sucesso, entre elas “Por quem os Sinos Dobram?”. “As Neves do Kili-manjaro” e “O Velho e o Mar”, filmes vistos em todo o mundo por milhões de pessoas. Todo esse sucesso, no entanto, não impediu que se suicidasse com uma espingarda de caça em 2 de julho de 1961, dias antes de completar 62 anos.

Aspecto curioso de Hemingway é que, embora norte-americano, a maior parte de sua obra é ambientada em outros países, inclusive o “O Velho e o Mar”, que lhe rendeu o Prêmio Nobel, cuja história acontece numa aldeia e nos mares cubanos. A língua de sua expressão, no entanto, foi sempre o inglês, a qual sua obra deu apreciável contribuição. Outro aspecto curioso, este de sua personalidade, em geral criticado negativamente e que também não me agrada, era o seu gosto por esportes violentos, como o box, as touradas e as grandes caçadas. Um lado “matador” que não casava com sua alma de poeta, sempre preocupado em desvendando os mistérios do destino humano.

Neste ano, e até julho do próximo, o “Velho Hem” será celebrado e muita coisa interessante será feita e escrita, embora seja difícil acreditar que surja alguma novidade importante.

O jornal “Linguagem Viva”, editado em São Paulo pelos jornalistas Adriano Nogueira e Rosani Abou Adal, está comemorando 10 anos de existência. Para marcar a data vários eventos estão sendo realizados, como depoimentos dos editores, apresentações musicais, exposição iconográfica sobre a vida do jornal e outros, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, na capital paulista. “Linguagem Viva” é um dos mais expressivos veículos culturais publicados no País e a ele vão nossos parabéns.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **2000** (Tomo 41). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome:

Endereço:

Bairro: Caixa Postal:

CEP: - Fone p/ contato:

Cidade: Estado:



.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeireira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



TOMO XLI
Fevereiro de 2000 - Nº. 02

